

## COBERTURA 3

### **Ser servo**

Ser servo não é uma profissão, é um dom.

Ser servo, em seguimento de Jesus,

é uma oferenda de amor.

O servo não se antecipa...

Ele não é a luz...

Ele é a mão que levanta alto a chama,

Ele não fala para ordenar... mas para ajudar.

Sua função é de permitir o bem estar,

de diminuir o sofrimento,

de criar as condições favoráveis

para que uma felicidade possa nascer,

de preparar o terreno,

de cantar uma musica que ele não inventou.

Seu tempo não lhe pertence mais.

Não se é chamado servo,

É-se chamado, é-se convidado

e escolhe-se de se torná-lo

em resposta a este apelo.

Ser servo é um grande risco

porque não resta mais que o dom de si mesmo.

Senhor, tu nos chamas a sermos servos,

a sermos do Evangelho...

Coloca em nós tua resposta,

faz-nos “servos do amor”.

## SUMÁRIO

### **Vida espiritual**

- 314 Carta de 21 de outubro de 2010  
“A Irmã Evelyne Franc, Superiora geral e a todas as Filhas da Caridade”  
Padre Grégory Gay, Superior geral
- 316 Pista para o dia de reflexão e de oração mensal  
“O Cristo vicentino: “Adorador, Servo e Evangelizador” (C 8a)  
Padre Javier Alvarez, Diretor geral

### **Desafios Atuais**

#### **Questões atuais**

- 323 As pobreza em Paris  
Padre Olivier Ribadeau-Dumas, vigário episcopal da Comissão de Solidariedade

### **Hoje, com os Fundadores**

- 337 Província de Granada  
Casa ao serviço dos doentes de aids  
A Comunidade Margarida Naseau, Málaga
- 341 Província de Emmitsburg (USA)  
Centro hospitalar São Vicente a Jacksonville, Florida  
A Comunidade de Jacksonville

### **Atualidades das Províncias**

#### **Nomeações**

- 346 Designação das Visitadoras e nomeação dos Diretores provinciais

#### **Testemunho das Irmãs**

- 348 Província das Canárias (Espanha)  
A Comunidade de Corralejo  
As Irmãs da Comunidade

### **História da Companhia**

- Ano jubilar do 350º aniversário da morte dos Fundadores
- 350 Luísa de Marillac, fundadora  
Irmã Claire Herrmann, Filha da Caridade
- 368 A experiência eclesial de Santa Luísa  
Irmã Angeles Infante, Filha da Caridade

PADRE GREGORY GAY, SUPERIOR GERAL

Carta de 21 de outubro de 2010

A Irmã Evelyne Franc, Superiora geral,  
e a todas as Filhas da Caridade

Minhas queridas Irmãs,

A Graça e a Paz de Nosso Senhor Jesus Cristo permaneçam em seus corações agora e sempre!

Como vocês sabem, o Padre Javier Alvarez foi eleito Vigário geral da Congregação da Missão durante nossa última Assembleia geral. Em vista da nomeação de um novo Diretor geral, eu lancei uma consulta ao Conselho geral e aos Conselhos provinciais das Filhas da Caridade. Anuncio-lhes hoje, que depois de ter estudado os resultados desta consulta, nomeei, com o consentimento dos membros do meu Conselho, o **Padre Patrick GRIFFIN** Diretor geral da Companhia das Filhas da Caridade por um mandato de seis anos.

O Padre Griffin, que aceitou esta nomeação com espírito de fé e generosidade, pertence a Província Leste dos Estados Unidos. Nascido no dia 9 de dezembro de 1952 em Brooklyn, New York, ele entrou na Congregação da Missão no dia 21 de junho de 1972 em Philadelphie e foi ordenado sacerdote no dia 26 de maio de 1979 em Northampton, Pennsylvanie. Depois de ter cursado doutorado em Estudos bíblicos na Universidade Católica de Washington, DC em 1984, ele lecionou em várias Universidades e Seminários vicentinos de 1984-1993. Em 1993, o Padre Griffin foi nomeado Ecônomo geral da Congregação da Missão, serviço que realizou em Roma até 1999. De volta aos Estados Unidos, lecionou Sagrada Escritura no Seminário da Imaculada Conceição (Huntington, New York). Nomeado pela Universidade St John (Queens, New York) em agosto de 2008, o Padre Griffin assumiu até o momento o papel de Vice-presidente executivo para a Missão e de coordenador vicentino da Justiça Social. Durante a maior parte do seu ministério, o Padre Griffin foi professor e participou da formação de Seminaristas. Pelo cargo que ele desempenhou até este momento na Universidade St John, tinha a responsabilidade principal de promover o caráter católico e vicentino da universidade, em todos os setores de atividades.

Juntos, agradecemos sua disponibilidade e asseguramos nossa oração e nosso fraterno apoio. Neste ano jubilar que acabamos de encerrar, confiamos o mandato do Padre Patrick Griffin a São Vicente e a Santa Luisa, a fim de que eles obtenham a luz, a sabedoria e a força do Espírito Santo para a nova missão que lhe foi confiada. Nesta mesma ocasião, renovo meu agradecimento ao Padre Javier Álvarez que durante estes seis últimos anos, soube responder as exigências de sua missão, tanto junto ao Conselho geral, como com as Irmãs e os Diretores provinciais. Sei o quanto ele tem sido apreciado. Eu mesmo fui feliz em trabalhar com ele e agora tenho a graça de continuar mais de perto. Desejamos-lhe um frutuoso serviço no Conselho geral da Congregação da Missão.

Que Maria, que invocamos mais particularmente neste mês do Rosário, acompanhe todos nós e a cada um em nossa missão de evangelização dos pobres através dos diversos serviços.

Seu irmão em São Vicente,

G. Gregory GAY, C.M.  
*Superior geral*

Pista para o dia de reflexão e de oração mensal

## **O Cristo vicentino: “Adorador, Servo e Evangelizador” (C.8a)**

Todos os cristãos e, portanto, todos os consagrados têm um ponto em comum: seguir o Cristo. Nenhuma vocação na Igreja pode realizar-se sem referir-se a Ele, pois todas têm por objetivo o seguimento de Cristo. Contudo, cada família, cada Congregação tem sua maneira particular de segui-Lo. Foi o que deu origem aos diversos e múltiplos carismas que existiram, que existem e existirão na Igreja.

Quais são as características de Jesus Cristo que Vicente de Paulo descobriu e manteve para estruturar o carisma vicentino? Os vicentinos devem conhecer estas características particulares para reproduzi-las em sua vida, isto é, de acordo com a expressão de São Vicente, “*revestir-se de Jesus Cristo*”. As Constituições falam de três características: “*Adorador do Pai, Servo de seu desígnio de Amor, Evangelizador dos pobres*” (C. 8a).

### **I. JESUS “ADORADOR DO PAI”**

Vicente gostava muito desta característica do rosto de Cristo: “*Adorador do Pai*” porque ele mantinha com seu Pai sentimentos de admiração, louvor, dependência e confiança. “*Ele tem uma tão grande estima que lhe fazia homenagem de todas as coisas que estavam em sua sagrada pessoa e que dele saia; atribuindo-lhe tudo*”<sup>1</sup>.

De onde vinha esta disposição interior de Jesus? Não se pode explicar esta “qualidade de Jesus, “*Adorador do Pai*”, nem o que disso resulta, se não compreendemos a profundidade de sua vida de oração. Para Jesus Cristo, a oração era a respiração de sua alma. Através dela, Ele descobria quem era o Pai, a relação que existia entre Ele e seu Pai e a missão recebida do Pai. Enfim, é na oração que Jesus encontrava a força de manter conscientemente, a unidade entre Deus Pai e Ele. Uma vida tecida de oração intensa dá um grande sentido de Deus e uma profundidade de visão que nada pode substituir, nem mesmo as boas ações. De acordo com o Evangelho, é pela sabedoria dos simples que se revela a face de Deus Pai. (cf. Mt 11, 25).

Além disso, Jesus Cristo era “*Adorador do Pai*” porque durante toda sua vida, estava atento a fazer sua vontade. São Vicente insiste frequentemente nesta característica. Basta citar esta frase: “*O Filho de Deus não fez outra coisa sobre a terra senão a vontade de seu Pai; ele a seguiu toda sua vida as regras de Deus seu Pai, embora não as tivesse por escrito, porque Ele as conhecia antes de vir ao mundo e ofereceu-se para vir realizá-las; o que Ele perfeitamente observou em todas as coisas, nunca fazendo o que não estivesse em conformidade com estas e o que não fosse agradável ao Pai*”<sup>2</sup>. Quando Vicente fala aos Missionários e às Irmãs da necessidade de fazer, em tudo, a vontade de Deus, ele pensa em Jesus Cristo cujo alimento era “*fazer a vontade do Pai*”. É aqui que um vicentino pode encontrar o exemplo, o caminho e uma forte motivação.

Para uma Filha da Caridade, imitar esta característica de Jesus “*Adorador do Pai*” significa duas coisas:

**1 – Buscar continuamente a vontade de Deus:** “*Senhor, o que queres de mim neste momento presente de minha vida, na situação que é a minha hoje? Senhor, o que devo fazer neste momento, como devo agir?*”

Um filho ou uma filha de São Vicente deve fazer-se esta pergunta regularmente. Se escolhemos esta vocação, é porque descobrimos que ela correspondia à vontade de Deus. No entanto, a vontade de Deus, tudo como a vocação, não é uma realidade estática e passiva, mas uma realidade dinâmica como a pessoa. Na espiritualidade vicentina, manter nosso desejo de seguir o Cristo em nossa vocação como no primeiro dia, significa discernir a todo momento a vontade de Deus, que orientará naturalmente as nossas escolhas na mesma direção que a vocação descoberta e aceita. Por fim, esta característica cristológica vicentina, nos ajuda a manter a chama de nossa vocação vicentina bem viva.

Para discernir a vontade de Deus, tudo como Jesus, a Filha da Caridade se apoia na oração diária, mas também, nos acontecimentos quotidianos através dos quais se expressa a vontade de Deus. É preciso de antenas adequadas para decifrar as mensagens que Deus envia continuamente à Terra, a este mundo saído de suas mãos que ele olha com carinho. São Vicente se tornara mestre nesta arte de interpretar a vontade de Deus na vida. As Sagradas Escrituras, os Documentos da Igreja, as Constituições e as orientações da Companhia são como indicadores objetivos que nos permitem discernir o que Deus quer. Tudo isto é necessário para fazer um bom discernimento. Mas não basta conhecer a vontade de Deus para ser “*Adorador do Pai*”.

2 – Encontrar os meios para realizar a vontade de Deus: “*Não basta dizer-me: 'Senhor, Senhor!', para entrar no Reino dos céus; mas é necessário fazer a vontade de meu Pai que está nos céus*” (Mt. 7, 21). O exemplo de Jesus é claro e contagiante: a vontade de Deus o conduz até a aceitação da Cruz. Nem sempre é fácil captar a vontade de Deus e realizá-la. É preciso coragem, “*parrêsia*”, isto é, segurança no sentido bíblico. De fato, é necessário a ajuda do Espírito Santo.

## **II. JESUS “SERVO DE SEU DESÍGNIO DE AMOR”**

O desígnio de Deus sobre a humanidade é um desígnio de amor: Deus criou o ser humano para entrar em relação com Ele (cf. Gn. 2, 5-25). Depois do pecado, Deus propõe sua Aliança novamente ao homem a fim de que ele possa viver com Ele (cf. Ex. 19...). Em seguida, Ele escolhe o Povo de Israel, envia profetas, vem na pessoa de Cristo... A finalidade de todas as iniciativas de Deus é de permitir uma comunicação com a humanidade que Ele não pode esquecer. As imagens empregadas na Bíblia expressam bem este rosto de Deus: um pastor que cuida de seu rebanho (cf. Sl. 22), uma galinha atenta aos seus pintinhos...

Graças ao seu desígnio de amor, não podemos considerar Deus como um rival do homem. Se Deus criou o ser humano, é para que ele seja feliz. Mas o homem precisa de Deus para construir uma sociedade humana. Sem Deus, ele se torna estrangeiro a si mesmo e pobre; com Deus, ele encontra sua plenitude.

Seu desígnio de amor toma toda a sua amplitude quando a Bíblia revela que Deus tem uma predileção particular por seus filhos os mais pobres, aqueles que vivem em meio as situações mais difíceis. Se os pais da terra são capazes de amar seus filhos, quanto mais Deus

Pai: “*Se pois, vós que sois maus, sabeis dar coisas boas aos seus filhos, quanto mais o Pai celeste*” (Lc. 11, 13).

São Vicente fica impressionado por Jesus Cristo quando ele declara que foi enviado para os pobres e oprimidos. Constata-se em Jesus uma atenção particular aos marginalizados da sociedade: pobres, pecadores, mulheres de má vida, crianças, publicanos menosprezados... São Vicente diz até mesmo que Jesus Cristo se dedicou prioritariamente aos pobres... Nenhum outro grande líder se preocupou tanto com os problemas materiais das pessoas. Encontramos a explicação desta atitude de Jesus nas palavras que ele pronunciou no início de sua vida pública: “*Eu não vim para ser servido, mas para servir*”. Não surpreendente que Jesus se ajoelhe, como um escravo, para lavar os pés de seus discípulos (cf. Jo 13, 1-18). O fato de que Ele tenha se ocupado dos mais humildes, do mais miserável em nossa humanidade, desconcertou não somente seus contemporâneos mas também, os poderosos de todos os tempos. Esta predileção que vemos na prática, nós a encontramos também em seu ensinamento. Para explicar quem é o próximo, Jesus toma o exemplo de uma pessoa sofredora e a miséria (cf. Lc 10, 29). Para dizer quem são os preferidos de seu Reino, ele fala dos pobres, daqueles que choram, que têm fome, dos perseguidos pela justiça (cf. Lc 6, 20). Esta ternura de Jesus pelos pobres é algo inédito entre os grandes líderes da história. São Vicente descobriu muito bem este olhar misericordioso de Jesus Cristo.

Para imitar esta segunda característica que caracteriza Jesus Cristo, *Servo de seu desígnio de Amor*”, as Filhas da Caridade devem humilhar-se (como fez Jesus Cristo no mistério da Encarnação) até considerar os pobres como “*nossos Senhores e nossos Mestres*”, segundo a expressão de São Vicente. Mas, não estamos nós muito acostumados a dizer ou a escutar frases tão exigentes como estas aqui, sem pestanejar. Para evitar este risco, quando nós escutamos esta palavra “*nossos Senhores e Mestres*”, é bom pensar em pessoas concretas que nós servimos para olhá-las à maneira de São Vicente; isto necessita viver constantemente na presença de Deus.

Considerar os pobres como Senhores e dos Mestres não significa renunciar o que se tem (qualidades, preparação, capacidade de trabalho), mas colocá-los ao serviço. Isto significa também que nós estamos conscientes de imitar um das características mais importantes de Jesus Cristo e de colaborar ao grande desígnio de Deus sobre a humanidade, até mesmo através do mais humilde ou mais escondido dos serviços. Basta de estar ao serviço dos pobres para se tornar um “*servo do grande desígnio de Deus*”.

### **III. JESUS “EVANGELIZADOR DOS POBRES”**

Vicente gosta muito desta terceira característica do rosto de Cristo. Na sinagoga de Nazaré, Jesus se apresenta imediatamente como aquele que realiza o capítulo 61 do profeta Isaías: “*O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; e enviou-me para anunciar a boa nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, para pôr em liberdade os cativos...*” (Lc 4, 18-19). No conjunto dos Evangelhos, este breve discurso pode ser considerado como um verdadeiro programa. A vida inteira de Cristo será só uma colocação em prática desta passagem.

Este rosto de Cristo habita tão profundamente o coração de Vicente que, diariamente, ele se sente sempre mais provocado a fazer o mesmo. Quando ele descobre a situação dos pobres do campo (completamente abandonados e na ignorância da mensagem evangélica), é absolutamente necessário seguir a inspiração do Espírito Santo. A partir deste momento, sua

vida muda completamente; sua única meta é de ir aos pobres, de evangelizá-los como o Filho de Deus o fez.

Jesus Cristo, evangelizador dos pobres, não só inspira e marca sua espiritualidade, mas orienta também todas as instituições que ele vai fundar ao longo de sua vida. Em uma repetição de oração, São Vicente se perguntava: *“O que fez o Filho de Deus? Ele deixou seu Pai eterno, lugar de seu repouso, de sua glória; e para o que fazer? Para descer aqui na terra entre os homens, a fim de instruí-los por suas palavras e por seus exemplos, livrá-los da escravidão em que estava e resgatá-los. Para isso, ele deu até mesmo o seu próprio sangue. Assim, Senhores, não devemos nos apegar às coisas; facilidades, confortos, deixemos tudo para servir Deus e o próximo”*<sup>3</sup>.

Mas o que significa evangelizar? Vicente diz: *“Evangelizar os pobres não se compreende somente por ensinar os mistérios necessários à salvação, mas para fazer as coisas preditas e figuradas pelos profetas, tornar efetivo o Evangelho”*<sup>4</sup>. Cristo diz: *“anunciar a boa nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, 19 para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, para pôr em liberdade os cativos...”* (Lc 4, 18). Em outras palavras, evangelizar, é apresentar o Evangelho em palavras e em atos, através dos gestos significativos e das obras. O Evangelho leva em conta a pessoa em sua totalidade; Jesus Cristo não veio criar uma divisão estranha entre o corpo e o espírito, mas salvar de maneira temporal e eterna. É assim que a Companhia compreende a evangelização que a Igreja lhe confia: o serviço corporal e espiritual dos pobres. *“Na constante preocupação com a promoção integral da pessoa, a Companhia não separa o serviço corporal do serviço espiritual, a obra da humanização da obra de evangelização”* (C. 14). A exortação *“Vita Consecrata”* define a evangelização em termos semelhantes: *“o serviço dos pobres é um ato de evangelização e, ao mesmo tempo, marca a fidelidade ao Evangelho”*<sup>5</sup>.

Podemos tirar disto duas conclusões:

- \* Todo serviço material, mesmo muito humilde, não deve ser considerado somente como uma obra que dá um testemunho credível como processo de pré-evangelização, mas realmente como uma obra de evangelização de primeira classe que atualiza a salvação de Jesus Cristo.
- \* Visto que a evangelização compreende o serviço corporal e espiritual, os Padres da Missão não devem negligenciar o serviço corporal nem as Filhas da Caridade, o serviço espiritual.

Como para São Vicente, ser evangelizador dos pobres em seguimento de Jesus Cristo, exige antes deixar-se tocar pelo amor de Deus, deixar seu coração queimar ao fogo de seu amor. São Vicente usava sempre esta imagem. Às Irmãs enviadas à Metz, ele lhes diz para realizar a missão confiada *“como um fogo que aquece todos aqueles que dele se aproximam... O fervor é... uma caridade inflamada; e é o que é necessário que vós tenhais”*<sup>6</sup>. Por isso, quando se deseja transmitir a Boa Notícia com um mínimo de coerência, é preciso supervisionar sua face, pois não se pode anunciar uma Boa Notícia com um ar triste e mal-humorado (um serviço dos pobres é uma Boa Notícia em ação). Acusa-se frequentemente, os cristãos de viverem com o olhar fixos na “sexta-feira santa”. É preciso não esquecer que a sexta-feira santa conduz ao domingo de Páscoa que é a meta disto. Muita tristeza nega a ressurreição de Cristo; uma alegria simples aproxima do mistério da Redenção e dá destaque e cor à vida. Dizendo que os evangelizadores devem prestar atenção ao seu rosto, de fato é preciso que façam atenção à sua fé. Esta é o reflexo do espírito, a marca de garantia do

evangelizador. A exortação *Evangelii Nuntiandi* diz que o homem de hoje escuta mais os testemunhas do que os mestres porque suas palavras expressam o que eles vivem no fundo do coração.

## **PARA A ORAÇÃO E A REFLEXÃO PESSOAL E COMUNITÁRIA**

\* Meditar Lc 4, 14-22 e Mt 25, 31-46 e/ou a conferência às Filhas da Caridade de 2 de novembro de 1655 sobre as máximas de Jesus Cristo e as do mundo (Coste X, p. 136 - 155).

\* Tenho consciência que todo serviço realizado, qualquer que seja, permite colaborar com o projeto de amor de Deus: que todo ser humano vive e se realiza nesta vida pelo serviço? Quais meios tomar para fazer crescer esta convicção vicentina?

Padre Javier Álvarez, cm  
*Diretor geral*

Notas

<sup>1</sup> Coste XII, p. 108 – Conferência de 13 de dezembro de 1658 “Dos membros da Congregação da Missão e de seus usos”.

<sup>2</sup> Coste X, p. 106-17 – Conferência de 29 de setembro de 1655 “Explicação das Regras Comuns”

<sup>3</sup> Coste XI, p. 437 – Repetição de oração de 11 de novembro de 1657.

<sup>4</sup> Coste XII, p. 84 – Conferência de 13 de dezembro de 1658 “Dos membros da Congregação da Missão e de seus usos”.

<sup>5</sup> “Vita Consecrata” N° 82

Coste X, p. 559 – Instrução de 26 de agosto de 1658 às quatro Irmãs enviadas a Metz.

## PADRE OLIVIER RIBADEAU-DUMAS, VIGÁRIO APOSTÓLICO

Questões atuais

### **A pobreza em Paris**

Notas feitas durante a conferência apresentada aos membros da Equipe da Capela (Padres, Irmãs e leigos), durante uma Sessão de Formação.

Como responsável do Vicariado Apostólico para a solidariedade, tentarei desenhar um quadro das principais pobreza de Paris, depois, na segunda parte, veremos como a Diocese e a Igreja de Paris estão enfrentando esta realidade.

### **I – A POBREZA EM PARIS**

“Pobres, sempre os tereis” disse-nos Jesus. Esta é uma verdade para Paris. Paris é uma cidade de luzes e, ao mesmo tempo, uma cidade de sombras onde as pobreza são numerosas. Existem vários tipos de pobreza; muito superficialmente, caracterizarei três tipos de pobreza: as mais tradicionais, as novas e as renovadas formas de pobreza já antigas.

## 1 - AS POBREZAS TRADICIONAIS

Existem pobreza que vocês conhecem bem, pois a Família Vicentina combate há algum tempo, por exemplo a questão da **solidão**, em uma grande cidade como a nossa. O anonimato em nossa cidade é, particularmente, forte. Como cristãos, temos uma vantagem considerável para lutar contra a solidão, que é a rede de Paróquias Católicas. Parece-me que não existe, em nossa cidade, uma rede tão estreita, senão as das Paróquias da Igreja Católica, além da escola, que tem uma outra função. Portanto, esta rede, de estrutura urbana, das Igrejas Católicas, nos dá a possibilidade de estarmos à espreita de todas estas pobreza ligadas à solidão, especialmente, ao isolamento das pessoas idosas.

Antes de ser Vigário Episcopal para a Solidariedade, fui responsável pela Pastoral da Juventude da Diocese e igualmente da Pastoral Estudantil. O número de estudantes que vivem uma solidão considerável, é assustador. Um dia, pouco tempo antes da festa do Natal, encontrei um jovem que me disse: “Sabe, Padre, o senhor é a primeira pessoa com a qual eu converso desde o mês de setembro; eu acredito que se eu não o tivesse encontrado, teria colocado fim aos meus dias”. Se a pobreza e a solidão dos estudantes são particularmente importantes, a solidão dos pais isolados também o é, ou seja, aqueles pais que vivem só. As estatísticas atuais de recenseamento contam 53% de nascimentos fora do casamento, isto quer dizer que, uma grande parte das crianças está só com sua mãe, ou unicamente com seu pai. A solidão dos pais é uma outra grande realidade à qual somos confrontados. Voltarei a este ponto.

Portanto, para lidar com esta solidão, uma das coisas para se desenvolver ou renovar, é ter lugares para a escuta, pois, o que é essencial, é o relacionamento.

Na Diocese de Paris, nós lançamos a operação “Inverno Solidário”, pois esta é uma segunda forma de pobreza: **a precariedade das pessoas na rua**. Diante da dificuldade da falta de moradia, e alojamentos, incluindo abrigos de emergências, o Cardeal André Vingt-Trois pediu a todas as Paróquias de Paris para abrir as portas dos salões paroquiais, não simplesmente para que as pessoas que estão na rua possam se abrigar e viver durante os tempos das grandes geadas, mas para que as paróquias vivam a hospitalidade com as pessoas da rua. Cerca de 25 Paróquias realizaram esta operação no período das grandes geadas. Elas repetirão, sem dúvidas, a experiência, se novamente fizer muito frio. O que nós testemunhamos, de acordo com o que as pessoas de rua beneficiadas dizem, é que elas encontraram sim, um teto para se abrigar, mas, por outro lado, o que elas encontraram foi uma família, uma amizade, e que o primeiro desafio, creio eu, o qual devemos enfrentar, em uma cidade como a nossa, é o desafio do relacionamento.

Todo cristão deve perguntar-se: Tenho realmente a intenção de viver o relacionamento como essencial daquilo que eu posso oferecer? Pois, esta questão de relação está no centro da solidão.

O segundo desafio que enfrentamos, é em relação aos **migrantes**. Evidentemente, sobre esta questão, há uma subdivisão política, que não me cabe desenvolver aqui, mas atrás de uma política, existe sempre homens e mulheres com um rosto, uma história, dificuldades e esperanças. Os números são sempre difíceis de estabelecer, mas estima-se que em Paris existam aproximadamente 14,5% de estrangeiros. Hoje a emigração tem múltiplas faces: aquelas que procuram um futuro econômico melhor, aquelas que fogem do país por razões de perseguição, a vinda de famílias que se reagrupam aos seus familiares...ao mesmo tempo, as mudanças são grandes, devido à expansão da Europa (os Romênicos fazem parte da União

Europeia, e portanto, têm um estatuto bem particular). Entre a questão dos migrantes, eu retomarei a questão dos menores. Hoje, em Paris, somos desafiados pela chegada de uma quantidade considerável de menores Afegãos: esta é uma realidade difícil. Que ação podemos empreender diante dessa situação de pobreza particular?

Em meio a estes migrantes, há uma situação extremamente difícil dos “**sem documentos**”, pois, sem documentos, não existe trabalho e, sem trabalho, não existe habitação, eis então, o ciclo no qual esta população pode encerrar-se. Estas são dificuldades extremamente importantes, tanto que a política atual, não nos deixa muita escolha. As autoridades romênicas, o Conselho Pontifício para os migrantes, o Papa, o nosso Arcebispo lembram que, contrariamente ao que pensa a opinião pública, os migrantes são uma oportunidade. No entanto, muitas associações enfrentam a dolorosa tarefa de ter que acompanhar as pessoas, sabendo que não há solução para a sua situação.

Concernente a esta questão da emigração, a caridade e a solidária nos leva a inventar novas maneiras de agir. A caridade tem evoluído muito ao longo dos anos, passamos da assistência ao acompanhamento, depois, do acompanhamento a um fazer com as pessoas, mas existem situações, diante das quais, permanecemos impossibilitados: como acompanhar pessoas sem esperança de solução e dizer-lhe que a única solução, é que ela retorne para sua casa? Podemos dizer a alguém para voltar para casa quando ele é perseguido? Esta situação da imigração levou muitos de nós a viver uma extraordinária generosidade e a apresentar múltiplas propostas.

Uma outra situação extremamente complexa em Paris: é a questão da **habitação**. A Igreja de Paris tem feito muitos contatos na cidade, com a Prefeitura e com o Governo, com o objetivo de refletir entre os cristão como colocar os alojamentos desocupados à disposição das pessoas. Existem muitas ações concretas. Infelizmente, atualmente, o conjunto de alojamentos de Paris e das outras cidades da França estão quebrados, quer sejam alojamentos de urgências (para 48 horas), quer sejam os alojamentos de passagem para a reinserção das famílias (durante 6 meses ou um ano), as pousadas (com duração de 2 ou 3 anos), os parques sociais (com uma duração definitiva). A falta de fluidez no conjunto dessas diferentes estruturas torna a situação difícil. No domínio privado, o aluguel é muito alto. Chegamos à situações extremamente dolorosas onde as pessoas, não havendo poder aquisitivo para pagar o aluguel, moram em seus carros.

Atualmente, vemos aparecer uma nova categoria de pobreza: **os trabalhadores pobres que não têm moradia**. Estes homens e mulheres trabalham todos os dias, mas, não têm casa. Esta questão é particularmente importante.

Para amenizar esta questão, particularmente importante, de habitação, muitas propostas são feitas, mas não realizadas na mesma proporção que a construção de grandes imóveis às portas de Paris. Alguns propõem facilitar o acesso à propriedade, mas, neste caso também, pode ser uma armadilha, pois tornando-se proprietários, é preciso ainda assumir as taxas de condomínio. Na Diocese de Paris, inúmeras associações ajudam as famílias mal alojadas. Uma das minhas tarefas mais difíceis, é negociar com grupos que ocupam as Igrejas. Há 4 anos, eram sobretudo, grupos de pessoas sem alojamento, depois de 2 anos, são mais pessoas mal alojadas que ocupam as Igrejas. O Socorro Católico faz um trabalho notável para ajudar as inúmeras famílias em dificuldades.

Um outro tipo de pobreza que existe há muitos anos, é o **desemprego e o trabalho precário**. Mas hoje, existe uma precariedade particularmente **para os jovens**. Os jovens

passam de contrato à duração determinada (CDD) a cada seis meses, sem terem a segurança que irão encontrar um outro trabalho, seis meses mais tarde. No entanto, os sociólogos dizem, que se passa da juventude à idade adulta quando se ultrapassa uma tripla etapa: o da família, fundando sua própria família, o da habitação, deixando a casa dos pais em vista de sua própria casa, e do trabalho, havendo um trabalho definitivo. Aqui estão as três etapas significativas para passar à idade adulta. Atualmente, o trabalho é temporário até a idade entre 30 e 35 anos, ou seja, 10 anos após a entrada na vida profissional. As questões do emprego temporário, de tempo parcial involuntário ou da desqualificação profissional são mais frequentes que antes e apresentam problemas extremamente difíceis.

Uma outra categoria de pessoas em dificuldade, é a dos **desempregados com mais de 50 anos**, para estes é muito mais difícil encontrar ajudas.

## **2 – AS NOVAS POBREZAS**

Estas formas de pobreza, nós as conhecemos há muito tempo, desde sempre, mas elas estão acompanhadas de novas formas de pobreza. Sublinharei três (não tenho a pretensão de ser exaustivo), mas elas me parecem particularmente sintomáticas da época na qual vivemos.

a) A primeira pobreza é devido às consequências da **desintegração da célula familiar**.

As famílias monoparentais, 26% das famílias em Paris são monoparentais, contra 17% no resto da França: nós temos uma concentração, particularmente importante, de famílias monoparentais

Quer seja o resultado de um divórcio, de uma viuvez ou de mãe solteira, as famílias monoparentais são, em sua maioria, de baixa renda. Suas pobreza não são apenas matérias, mas também, relacionadas à educação: é sempre muito difícil criar uma criança quando se está só. Esta é uma razão que torna, atualmente, a questão da educação, tão complexa.

As questões da educação das crianças e dos relacionamentos são aqueles da alteridade, isto é, a diferenciação entre homens e mulheres, portanto, o pai, a mãe, a diferença entre as gerações. Esta questão refere-se tanto à escola como à família.

Hoje, outra questão grave surge: a desagregação da figura paterna e a crise da paternidade, que gera pobreza importantes. Quando eu era Pároco, um jovem estudante me disse: "Como me identificar com meu pai se eu nunca o vi trabalhar em sua vida?". Na desagregação da célula familiar, existe também o drama do aborto. Há muitas associações para aconselhar as mulheres antes e /ou após o aborto.

b) A segunda nova forma de pobreza, é a **pobreza psíquica**.

Na missão de Solidariedade que me foi confiada, existe por exemplo, a instância das prisões. Eu trabalho com o Conselho Nacional de Saúde carcerária. Em 1995, um estudo foi realizado junto aos prisioneiros para conhecer o número de pessoas com dificuldades psicológicas e psiquiátricas; constatou-se cerca de 15%; o mesmo foi realizado em 2008, havia 55%. Este valor atual, dado pela administração prisional, é considerado como sendo a

metade dos detentos com um desequilíbrio mental. Isso significa que estamos diante de um colapso de nosso sistema psiquiátrico, a sociedade gera pobres e desequilibrados psíquicos.

O ressurgimento desses desequilíbrios vai ao encontro com a falta de lugares de acolhimento. Em nossas Paróquias constatamos cada vez mais a necessidade de termos lugares de escuta. Existem, também, numerosas associações tais como “SOS cristãos” à escuta, “SOS amizade”, “SOS orações”, das escutas telefônicas, mas isso não é o suficiente.

c) A terceira forma de pobreza é a chegada da quarta ou quinta idade. Eu tenho a chance de ter meus dois avós, que têm cada um 100 anos, mas não sem dificuldades. Isto significa que meus pais, que têm 75 anos, se ocupam não somente de seus netos, mas também de seus pais, portanto, eles não vivem de sua aposentadoria. Meu pai me dizia: *"Tenho sem dúvidas, ainda uns 5 anos à frente para começar a declinar. Mas, nos próximos cinco anos será que, talvez, minha mãe estará viva"*.

Assim, o surgimento da quarta e da quinta idade envolve toda uma geração. Acredito que a sociedade não tomou consciência do que significa a longevidade, e o que isso representa em termos de gastos para as famílias. Este é um novo campo diante do qual devemos refletir. Há 30 anos, quando minha bisavó completou 100 anos, o Prefeito veio lhe cumprimentar. Hoje, se o Prefeito tiver que cumprimentar todos os centenários de sua região, ele passaria muitos dias para fazer isto.

Com relação a estas novas formas de pobreza, a Igreja tem um papel muito particular a cumprir, sem assumir o papel dos poderes públicos. A Igreja criou associações (para libertar os cativos), abriu caminhos (rondas nas ruas para ir ao encontro das pessoas de rua) que são atualmente assumidas por muitas outras instituições. Para mim, os cristãos devem sempre se perguntar: "Onde poderemos ir ou onde ninguém vai", "onde não somos alcançados pelos poderes públicos?" e "quais são os caminhos aos quais temos a responsabilidade de abrir?".

No que concerne a estas questões de família, de pobreza psíquica, de longevidade, mas igualmente, as pessoas adultas com necessidades especiais, que não mencionei, nós temos um trabalho particularmente importante. Ao abrir o centro de Tiberíades, na rua de Varennes, nos anos de 1980, a Igreja de Paris tinha uma função extremamente importante na luta contra a AIDS e a acolhida das pessoas doentes. Atualmente, é necessário inventar outros lugares, outros serviços canteiros para responder a estas novas pobres.

### **3 – AS NOVAS FORMAS DE ANTIGAS POBRES**

Descobrimos atualmente, também, as novas formas de antigas pobres, **o empobrecimento de camadas da populações que estão se tornando cada vez mais pobres.**

Se considerarmos as pessoas acolhidas pelas grandes associações como o Socorro Católico ou por grandes lugares de acolhimento, notamos que os aposentados sofrem mais hoje, do que ontem; aqueles que tem uma aposentadoria pequena, uma pequena pensão, frequentam mais os lugares de distribuição de alimentos, os acolhimentos do Socorro Católico. Isto deve ser levado em conta.

Gostaria também de mencionar o número crescente **de estudantes** que trabalham enquanto fazem os seus estudos, porque não podem pagá-los. E, entre aqueles que não

encontram trabalho, surge, de maneira crescente, a questão da prostituição estudantil, este é um problema real, mesmo nas Universidades mais prestigiadas.

Quanto à habitação, é preciso falar **do endividamento** devido a multiplicação da oferta de créditos ao consumidor.

Outra nova forma, é uma das fases da emigração na França. Alguns migrantes, principalmente do Magreb, não inserido totalmente na sociedade francesa, chegam à idade da aposentadora. Não existe uma rede social que lhes permitam ser verdadeiramente inseridos como o foram os Poloneses, os Italianos e muitas outras populações estrangeiras que vieram para o nosso país.

Convido-os a refletir sobre o que oferecemos, hoje, às jovens gerações de migrantes. Eles vêm porque seus pais sonham ter igualdade de direitos com os Franceses, ter um trabalho, uma habitação decente e, portanto, um melhor padrão de vida, diferente daquele do seu país de origem. Mas, não há nem trabalho, nem habitação, nem igualdade de direitos.

Uma das dificuldades da política de emigração, é que os jovens migrantes não têm nada a esperar, vendo somente o fracasso de seus pais e avós. Seu único socorro é a religião e, portanto, o Islamismo. Estou resumindo, mas isto estende-se a grupos de lares muçulmanos na periferia, que possibilita a manutenção destes jovens.

Portanto, esta crise social torna-se também uma crise religiosa em algum lugar. Este é um rápido esboço sobre a pobreza em nossa cidade e em nossa região igualmente.

## **II – AÇÃO DA IGREJA EM PARIS**

É diante de todos esses problemas difíceis, que a Igreja de Paris age. Em 1990, o Cardinal Lustiger criou o vicariado da solidariedade reagrupando 8 vigários episcopais, cada um com uma responsabilidade particular: a família, a juventude, o catecumenato, os Padres, as comunidades estrangeiras, etc.

Confiando-me este Vicariado da Solidariedade, Dom André Vingt-Trois, insistiu sobre 4 pontos:

- \* Suscitar e animar os Comitês caritativos paroquiais,
- \* Presidir o trabalho do Comité Católico Diocesano para a Solidariedade,
- \* Ser a referência da casa de saúde,
- \* Encontrar regularmente os responsáveis das grandes associações caritativas.

Este Vicariado tem um **secretariado e dois conselhos**:

\* O **Comitê Católico Diocesano para a Solidariedade** é formado por 8 pessoas. O Comité reflete as questões importantes, tais como: o inverno solidário (a fim de se prevenir das temporadas de grande inverno, acolhimento das pessoas, acolhimento em locais paroquiais e lhes oferecer hospitalidade), ajudar a pobreza psíquica, a criação de um observatório da pobreza em Paris.

\* **O Conselho Caritativo Diocesano.** O Conselho (CCD) é um órgão de comunhão e de reflexão comum que reúne as grandes Associações a serviço da Igreja ou de Movimentos engajados no terreno da solidariedade em Paris.

Atualmente, a paisagem da solidariedade tem um triplo nível: local, diocesano e internacional.

### **Em nível local, as paróquias desempenham um papel considerável.**

A Igreja, a paróquia, permanecem os lugares fundamentais de proximidade com os mais pobres, e portanto, de seu acompanhamento. Pois, mesmo se as pessoas não são mais cristãs, elas têm instintivamente a certeza, de que na Igreja, elas encontrarão ajuda. Todo mundo pode ver as Igrejas, mas nem todo mundo conhece a existência do Socorro Católico, nem o seu endereço. As paróquias criaram Serviços de entreaajuda, de vestuários, de associações como : *“Marta-Maria-Lázaro e outros”*, que se encarregam de organizar dossiês, para as pessoas sem documentos, de acompanhá-las à prefeitura para sua regularização ou um “armazém solidário”, banco alimentar que fornece os gêneros alimentícios a baixo custo. Uma família pode encher um carrinho de compras por 3,50€.

As paróquias criaram numerosos serviços para a caridade. O grande desafio para todos estes serviços, é trabalhar em conjunto. Por exemplo: em algumas paróquias, os atores da caridade oferecem todos os meses uma refeição para as pessoas que vivem sozinhas, depois para os desempregados, etc. Mas, como não existia muita ligação entre as diferentes paróquias, muitas vezes, eram as mesmas pessoas, que encontrávamos em toda parte. Portanto, a dificuldade maior da solidariedade, é trabalhar em comum. As “Diretrizes para a Missão” tiveram por objetivo permitir aos diferentes atores da caridade se reunirem. Depois, cada paróquia de Paris instituiu um **comitê caritativo paroquial** cujo objetivo é reunir os atores da caridade, que trabalham numa mesma área. Eles vinham das paróquias, de associações ou de serviços do bairro, para informar-se mutuamente das diversas realizações, de harmonizar as ações, de coordenar os calendários e os recursos.

Faz 5 anos que os Comitês caritativos paroquiais se organizam e, são uma ajuda preciosa para detectar as novas pobrezaas ou novas necessidades (por exemplo, a criação de um bagageiro onde as pessoas da rua possam colocar suas bagagens durante o dia). Como estamos atentos às novas pobrezaas que aparecem em um determinado lugar? Pois, na Igreja podemos fazer nascer iniciativas. Mas, para que elas possam nascer, é preciso aceitar o parar de fazer outras atividades, pois, não se pode fazer tudo. Este é o objetivo dos Comitês caritativos que são um futuro e um instrumento extremamente importante para o serviço da caridade em Paris.

### **Em nível diocesano, um certo número de associações foram criadas.**

Em 1981, o Padre Giros criou “Aos Cativos a Libertação” a fim de ir ao encontro de pessoas que vivem da rua e na rua, bem como os sem domicílio fixo e as pessoas que se prostituem. A associação tem por crença ir ao encontro dos necessitados, isto é, oferecer uma relação fraterna, gratuita, sem dar refeição, nem ajuda social. Esta associação é formada por 50 funcionários, alguns voluntários em relação com uma paróquia: a ação desta associação estimula muito a caridade da paróquia.

Muitos outros acolhimentos sociais foram estabelecidos com programas para a habitação das pessoas, a reintegração por meio da alfabetização, assistência às mulheres,

menores, etc. Por exemplo, a missão Tiberiana para as pessoas portadoras de AIDS; a Associação Aliança Esperança com um estabelecimento de serviço e ajuda para o trabalho, lares de extensão, como a associação Santa Genoveva para o acompanhamento das famílias nos alojamentos.

**Em nível internacional,** existe também numerosos Serviços na Igreja: o *Socorro Católico*, a *"Caritas França"*, o *CCFD*, a *Conferência São Vicente de Paulo*, as *Equipes São Vicente de Paulo*. Estes serviços da Igreja têm uma abrangência que ultrapassa o nível nacional.

### **III – CONVICÇÕES – QUESTÕES**

Para terminar, deixo-lhes algumas grandes convicções e também algumas questões.

#### **MINHAS CONVICÇÕES**

1 – A Caridade é missionária, a caridade evangeliza e os pobres nos evangelizam. Um dos perigos atuais é talvez, sermos tentados a nos voltar para ações evangelizadoras mais abertas como: a formação, a evangelização de rua, porém, a caridade é própria da missão.

2 – Não podemos confiar a caridade aos profissionais pois, não existem profissionais da caridade. Todos os cristãos têm esta missão. A caridade é uma consequência da fé, portanto, todo cristão é responsável por esta missão, mesmo se existem as Conferências de São Vicente de Paulo ou o Socorro Católico. Toda comunidade cristã deve se interrogar sobre sua responsabilidade de viver a caridade?

3 - Mesmo a mão direita deve ignorar o que dá a esquerda, é extremamente importante que a caridade seja visível. Toda comunidade é chamada a ser diaconal, o Papa lembrou em sua Encíclica *Deus Caritas est*, toda a comunidade é chamada a viver este diaconato e a visibilidade da caridade não tem por objetivo nos colocar à frente para a nossa glorificação, mas, de colocar à frente pessoas as quais possamos acolher, os mais pobres. E a visibilidade da caridade nos obriga, aqui também, à não secularizar tudo o que fazemos. Certas associações pensam obter mais facilmente créditos, de subvenções públicas se não se declaram cristãs. Mas, o risco de perder, ao mesmo tempo, os valores cristão, é grande. Temos necessidades de associações locais que tenham bastante força para dialogar com outras, negociar e propor valores cristãos nas decisões a tomar. Aí está a visibilidade da Igreja.

**O festival da caridade** que foi desenvolvido no ano passado tinha como objetivo, em cada comunidade, tornar visível a caridade em ação, também, nos fazer conscientes de tudo o que existia.

Este ano, o **fórum da caridade reuniu os atores da caridade** no âmbito associativo, dos serviços da Igreja, das paróquias para viver uma jornada de partilhas, de reflexões, de oração com nosso Arcebispo e convidados.

4 – É importante ter uma mudança de geração. Atualmente, o modelo de solidariedade está marcado principalmente pela geração dos mais de 70 anos. Esta é uma geração extraordinária de militantes extremamente ativos, que sempre souberam aliar o político e o caritativo. Mas, esta geração é instável e algumas atividades são paralisadas. A geração dos 35-40 anos tem uma relação muito diferente do tempo e de ação. Eles estão, muitas vezes,

engajados em trabalhos concretos (por exemplo : a distribuição de “sopa” nos abrigos). Como esta geração vai assumir os serviços da geração anterior, com a necessidade de firmar sua ação na dimensão espiritual, com uma reflexão mais ampla sobre a justiça, e mais precisamente no concreto e no pontual. É necessário diferenciar o humanitário do caritativo. Isto não pode se feito, senão, através de um olhar imerso no Cristo sofredor, e descobrindo no rosto do pobre, o rosto de Cristo. Para isso é preciso um investimento espiritual. Nossa missão é viver a caridade de Cristo; porém, isto só é possível, se vivemos da caridade de Cristo que conduz a mudarmos fundamentalmente nosso olhar sobre o mundo e sobre os outros. Esta **conversão do olhar faz considerar e ver o mais pobre como o Cristo**, e como aquele que nos dá o Cristo. As comunidades cristãs têm feito um esforço importante nesta área.

### MINHAS QUESTÕES

1- A caridade é sempre eficaz ? Como não negligenciar o caritativo às coisas mais explicitamente lucrativas? Um conselheiro municipal de um bairro de Paris, cristão convicto, fundou “*Imóveis em festa, a festa dos vizinhos*”. Diante do sucesso desta iniciativa, ele pode fazer “*vizinhos solidários*” com o objetivo de criar um vasto movimento de solidariedade nos grandes imóveis: não somente a festa, uma vez por ano, mas um convite a viver uma solidariedade de proximidade: propor fazer as compras de seu vizinho doente, ajudar uma pessoa idosa, etc. Esta intuição é simples e genial.

Nas estruturas que organizamos, é necessário, evidentemente, buscar uma certa eficácia. Mas, a caridade deve, primeiramente ser fecunda, antes de querer ser eficaz, pois, ela é da competência do amor gratuito. Perder tempo na escuta gratuita de uma pessoa de rua não pode ser eficaz sob o ponto de vista lucrativo. Para mim, esta é uma questão.

O conceito de caridade evoluiu muito. O Socorro Católico fundado por Dom Rodhain há mais de 60 anos, tinha inicialmente, um objetivo de assistência: dava-se dinheiro, alimentação aos necessitados. Depois, passou-se da assistência ao acompanhamento. Não se dava mais os objetos diretamente, mas procurou-se acompanhar as pessoas em uma reinserção ou busca de meios para ganhar dinheiro. Hoje, não se trabalha mais sem a participação dos pobres. O Movimento ATD Quarto Mundo diz que é preciso dar a palavra aos mais pobres. Nenhum responsável por este movimento, vai falar com um Ministro, sem estar acompanhado de uma pessoa que foi acolhida. É extraordinário. Mas, a questão das urgências de hoje é algo muito difícil e é preciso ser considerada.

Uma outra questão é a formação dos atores da caridade; temos que trabalhar para permitir que eles ajam com generosidade, mas também, com a consciência da antropologia e do Evangelho. Na encíclica *Deus Caritas est*, Bento XVI fala da atenção do coração : “*Não somos técnicos, mas devemos ter a atenção do coração*”. A questão é de organizar uma formação para desenvolver esta atenção do coração por uma vida espiritual e um ensinamento evangélico.

Uma outra questão é de saber como valorizar mais o diaconato da Igreja, isto é, a dimensão do serviço de toda a Igreja, que não se limita simplesmente ao serviço caritativo, mas também, na catequese e na liturgia. O diaconato da Igreja deve manifestar-se em todas as suas atividades.

Por ocasião das “Diretrizes diocesanas para a Missão” os fiéis de Paris se reagrupam em torno de 12 temas. Como conclusão destes fundamentos o Cardeal Vingt-Trois promulga

as orientações diocesanas com os objetivos para cada paróquia de Paris, insistindo sobre a importância da caridade.

Em conclusão, creio que não se pode falar dos mais pobres e ver como acompanhá-los em nível local ou internacional se não temos realmente o desejo profundo de mudar o nosso próprio modo de vida. Nada acontecerá se não o mudarmos.

Padre Olivier RIBADEAU-DUMAS  
*Responsável diocesano do Vicariado apostólico para a solidariedade*

## **DESAFIOS ATUAIS**

### Hoje, com os Fundadores

Província de Granada (Espanha)

### **A serviço dos doentes de AIDS em Málaga**

#### **Introdução**

Até 1997, os doentes de Aids pareciam incuráveis com uma patologia até o momento desconhecida da medicina, eles apresentam muitos sintomas: febre prolongada, perda de peso, adenopatias, etc. Depois da descoberta do vírus responsável pela Aids, em 1983 pela equipe do Doutor Luc Montanier do Instituto Pasteur de Paris, uma primeira conferência internacional sobre a Aids realizou-se em Atlanta (Estados Unidos) em 1985 com a equipe de Luc Montanier e a de Robert Gallo de Baltimore. Não existe ainda estruturas extra-hospitalares destinadas a ajudar os doentes de Aids. Em 1987, o primeiro medicamento antiretroviral HIV obtém uma autorização para a venda no mercado.

#### **Criação de nosso serviço junto aos aidéticos**

Como nasceu nosso serviço aos doentes de Aids? Muitas pessoas participaram da reflexão, para a decisão e realização deste acontecimento. Vemos nisso a ação de Deus que nos motivou e determinou a nos lançar nesta missão. Acreditamos que ele sempre nos sustentará.

Em 1990, no mundo, calcula-se mais de um milhão de doentes de Aids. Aqui, nos hospitais, os doentes apresentam sintomas bem variados, mas não podem ser custeados para longas permanências nem recebidos pelos hospitais não equipados para eles ao nível terapêutico. Portanto, não há outra saída para eles senão a morte.

Quando o hospital de Málaga recebe estes primeiros doentes, a equipe médica, não podendo recebê-los, decide pedir ajuda ao Bispo da cidade e às Filhas da Caridade.

O Conselho Provincial refletiu sobre o pedido, fez um discernimento e concluiu que era uma das pobreza de nosso tempo, e que São Vicente teria certamente respondido a este apelo. Procurando um lugar apropriado, o Conselho encontrou uma casa pertencente à Diocese, para colônias de férias. Depois dos trabalhos necessários, a casa se torna um belo centro de acolhida no meio das árvores. O pátio foi transformado em um jardim agradável. Neste Centro serão, pois acolhidos os doentes de Aids, pobres e sem apoio familiar.

No dia 22 de abril de 1992, a comunidade se instala, 4 Filhas da Caridade começam seu serviço, bem decididas a cuidar dos irmãos “com o suor do rosto e a força dos braços”.

Este serviço começou num momento onde as condições da transmissão da Aids não eram ainda muito conhecidas, sabíamos que esta doença se transmitia, geralmente, pelas relações sexuais ou a hereditariedade. Mas, nesta época, os doentes eram reconhecidos como contagiosos.

Nos hospitais, acontecia que os funcionários entravam no quarto dos doentes com luvas e máscara; esta patologia, geralmente, aparecia naqueles que faziam parte de uma “população em risco” (viciados, homossexuais...).

A primeira paciente, acolhida em nosso Centro, tinha se prostituído em sua juventude, agora estava com mais de quarenta anos. Seu companheiro atual vinha todos os dias saber notícias, mas não ousava visitá-la.

Nos primeiros dias, foi preciso combater o medo por causa de tudo o que se dizia sobre esta doença. Nós nos aproximávamos dos doentes de Aids dando-lhes atenção. Às vezes, as enfermeiras, deviam trocar as roupas dos doentes até 15 vezes em 24 horas, por causa de diarreias crônicas. Depois, manifestações de lesões dermatológicas (síndrome de Kaposi) apareciam no rosto dos doentes, eles tinham muita febre, transpiravam e se debilitavam... dia após dia, víamos inclinarem-se inexoravelmente para a morte.

O que fazer para enfrentar esta situação que ia terminar tão mal? **Amar e acompanhar.** Para os tratamentos e para tudo, prestávamos muita atenção aos menores detalhes, não tínhamos nenhuma outra arma que fosse eficaz. Com efeito, era como tratamentos paliativos. Pensávamos nesta frase da Medicina do Século XIX: “em Medicina, pode-se **“curar às vezes, aliviar sempre, confortar sempre”**”.

Poderíamos aliviá-los mudando-os de posição, umedecendo seus lábios, dando-lhes um copo de água ou enxugando a transpiração... sempre tentando escutá-los, o que é uma forma de reconforto. Que impotência diante desta juventude ameaçada! Porque os doentes tinham no momento mais ou menos 35 anos.

Pensamos e rezamos muito sobre o valor evangélico destes pequenos tratamentos, sobre o sinal fraterno de nossa presença. Eles nos lembram a verdade de uma humanidade sofredora que pedia um coração sensível à dor e à solidão. De nossa parte, isto exigia de nós uma atenção delicada, uma escuta serena e atenta às emoções. Neste acompanhamento, rezávamos com aqueles que desejavam. Aproveitávamos sempre as ocasiões para abrir seus corações a um Deus, Pai, cheio de misericórdia, respeitando sempre seus sentimentos religiosos ou agnósticos.

A comunidade científica continuava a pesquisa sobre o HIV, sua maneira de se desenvolver e de se multiplicar, a fim de encontrar um medicamento adequado.

O restante da sociedade se encontrava dividida diante destes doentes: o medo de se aproximar deles provocava uma certa distância. Os doentes e suas famílias escondiam a doença. Ninguém ousava dizer que um membro de sua família havia contraído o HIV. Pediam-nos até mesmo que escondêssemos sua presença no Centro e tivemos que lutar contra os meios de comunicação para preservar o anonimato.

Atentas às suas famílias, tentando restabelecer relações entre elas e o paciente, o que nem sempre dava resultado. Em algumas situações, era uma ajuda para o doente, mas em outras, era impossível. Muitos jovens doentes, chegando ao Centro, vinham do mundo da droga, eles não tinham mais vínculo com suas famílias, por causa dos problemas provocados pela dependência: roubo, evasão, abandono de trabalho, prisão, fuga das pessoas que poderiam ajudá-las... Tudo isto tinha rompido com os laços familiares.

A partir de 1997, uma nova perspectiva se delineia, surgem novos tratamentos eficazes. Os resultados são bons, mas o tratamento é pesado e exigente. Para obter um resultado, é preciso seguir fielmente o tratamento, sem jamais abandoná-lo. O Centro é apropriado para isto, oferecendo higiene e uma boa alimentação para recuperar as forças. Graças a estes novos tratamentos, o organismo recupera suas defesas e a Aids não é mais sinônimo de morte.

Desde esta época, podemos encarar a vida, pensar na reinserção social, à procura de um trabalho. Durante o tempo passado no Centro, os doentes participam de diversas atividades com a ajuda de um instrutor: teatro, redação de jornal, cinema, uso do computador, curso de reforço escolar, mecanografia, etc. A atividade dos voluntários é magnífica. Alguns são realmente constantes, vem depois de vários anos. É um novo rosto, uma atividade diferente, uma amizade que faz aumentar sua estima pessoal.

Resumindo, de 1983 a 1990, descobre-se a doença, mas evita-se falar dela e esconde-se os doentes. De 1990 a 1997: legisla-se sobre a obrigação de análise antes de uma transfusão de sangue. De 1997 a 2000, luta-se pela inserção no mundo do trabalho. Atualmente, nós nos esforçamos para obter todas os direitos sociais em favor dos doentes.

Agora, nossos doentes são bem tratados. Os medicamentos são caros, mas nós podemos dá-los gratuitamente para aqueles que precisam. Por outro lado, a sociedade sempre considera a Aids como uma doença vergonhosa a qual amedronta e marginaliza aqueles que são contaminados.

Hoje, olhando a Companhia do futuro, sabemos que a mesma deseja ser serva dos pobres, dos infelizes dos quais as estruturas sociais e econômicas não levam em conta as necessidades vitais. A Companhia que nós queremos construir: a que serve o Cristo na pessoa dos pobres “com o suor de nossas fronteiras e a força de nossos braços” com o espírito de Vicente e Luísa.

Comunidade Margarida Naseau

HOJE, COM OS FUNDADORES

Província de Emmitsburg

## O centro Hospitalar São Vicente em Jacksonville na Flórida

Este substitui o artigo cujo título está errado no número precedente.

### **Um pouco da história**

O Centro hospitalar São Vicente em Jacksonville, na Flórida, é membro do sistema de saúde católico mais importante dos Estados Unidos. Portanto, os começos do Centro hospitalar São Vicente foram bem humildes, como a maioria das obras de Deus.

Durante a guerra hispano-americana em 1998, as Filhas da Caridade de Emmitsburgo na Maryland cuidaram dos feridos e doentes nos acampamentos do Rio São João, em Jacksonville. Em 1916, lembrando-se da presença atenta das Irmãs, um grupo de médicos, apoiados pelo Bispo, convidou as Irmãs para virem a Jacksonville, para assumirem um hospital da cidade, chamado “Sanatorium De Sota”. Logo após sua chegada, as Irmãs rebatizaram a Instituição sob o nome de “Hospital São Vicente”. As pessoas que estavam muito familiarizadas com as Filhas da Caridade em cornetas, passavam para outra calçada quando viam uma Irmã. Quando chegaram, as Irmãs eram consideradas como algo estranho, numa cidade do sul onde os católicos eram a minoria. A dedicação e o compromisso das Irmãs, para reconhecer o rosto do Cristo nos pobres e O servir, ganhou o respeito e a admiração dos cidadãos de Jacksonville. Depois de 94 anos, as Filhas da Caridade trabalham no hospital São Vicente, seu nome é sinônimo de serviço dos pobres. Sua administração é reconhecida e apreciada pelo sistema de saúde.

### **Os desafios hoje**

Em 2010, o hospital, que se chama ainda hoje “Centro hospitalar São Vicente”, inclui várias entidades diferentes que procuram preservar a saúde, melhorando as condições dos pacientes. Agradecemos a Deus por esta grande graça. A partir deste momento, existe um segundo hospital, o hospital São Lucas, em um outro bairro da cidade, também sob a proteção de São Vicente. Os tratamentos de longa permanência às pessoas idosas são encaminhados ao Lar Catarina Labouré, que fica ao lado do hospital São Vicente. As consultas externas são feitas no Centro hospitalar São Vicente, em várias clínicas ao redor da cidade e no sul do estado da Geórgia, um estado vizinho da Flórida.

Um Programa vicentino de proximidade, organiza distribuições de comida às pessoas necessitadas, e existe um sistema de microcrédito para os funcionários que precisam deste. Em todos os hospitais administrados pelas Filhas da Caridade nos Estados Unidos, os funcionários são chamados “Associados”, para destacar sua colaboração ao lado das Irmãs, nos serviços prestados aos doentes e necessitados. O Centro hospitalar São Vicente financia igualmente, um serviço de urgências, para ajudar durante a gravidez, as futuras mães que são encorajadas a cuidar de seus bebês.

O Centro hospitalar São Vicente possui quatro caminhões ou unidades médicas móveis. Graças a estes, os tratamentos chegam aos trabalhadores imigrantes, em várias zonas rurais e às crianças, nas escolas católicas e públicas cujos pais, não têm condições de pagar pelos tratamentos. Em cada caminhão encontra-se um médico, uma enfermeira, uma nutricionista, uma assistente social e voluntários. No ano passado, o Programa sanitário móvel de proximidade atendeu mais de 8.000 pessoas e a ajuda sanitária móvel Ronald McDonald mais de 10.000 crianças.

## **Estatísticas**

As estatísticas podem parecer frias, mas mostram também, o coração da Instituição sanitária e elas são inspeccionadas por muitos organismos de certificação e credenciamento. Em 2009, o Centro hospitalar São Vicente ofereceu tratamentos médicos a pacientes sem segurança social, para uma quantia de mais de 14 milhões de dólares.

O Programa vicentino de proximidade distribuiu alimento às pessoas famintas e uma ajuda financeira de aproximadamente 775 000 dólares aos Associados necessitados.

Depois de numerosos anos, o Centro hospitalar São Vicente financia ações de solidariedade no Haiti, elas são administradas por grupos de voluntários e de pessoal médico. Nove grupos partem cada ano. Depois do terrível terremoto no Haiti, em janeiro de 2010, o Centro hospitalar São Vicente arrecadou quase 60.000 dólares para os socorros. O hospital enviou equipamentos médicos e técnicos para instalar os equipamentos sanitários no hospital São Bonifácio de Fundo do Branco no Haiti. Outras ações foram empreendidas para responder às imensas necessidades da população.

No ano passado, o Centro de urgência assistiu os partos de quase 4.500 mulheres jovens, 80% destas, decidiram não abortar depois de sua visita ao Centro.

340 pessoas inválidas isoladas beneficiaram de uma refeição de *Thanksgiving* (Ação de graças) e 106 famílias puderam viver o Natal, participando do Programa “Adotar uma família”.

Ainda no ano passado, o Fundo do Bom Samaritano dos Centros hospitalares “São Vicente”, “São Lucas” e do Lar “Santa Catarina Labouré” pagou mais de 300.000 dólares por 2.500 pacientes pobres. Este fundo de solidariedade ajuda os doentes que não são mais pagos pelo hospital e que precisam de dinheiro, de roupas e de comida. No total, foram distribuídos 33 milhões de dólares às pessoas em precariedade.

## **Assumir nossa missão**

Como Filhas da Caridade e Associados que servem no Centro hospitalar São Vicente, somos chamados a levar em conta as pessoas que têm menos possibilidade, as pessoas sem segurança social ou subseguradas, aquelas que têm fome, que estão desempregadas ou desorientadas, as pessoas idosas sozinhas, as crianças e os pacientes pobres. É este chamado para ajudar todos aqueles que estão necessitados, que faz do hospital “São Vicente” um Centro hospitalar diferente. Desde as origens, as Irmãs e seus Associados assumiram esta missão que faz parte de nossa identidade vicentina.

Muitos Associados dão de seu tempo nos serviços de proximidade acima mencionados. Alguns deles ajudam pela manhã antes de começar seu trabalho, outros durante o intervalo do almoço. Não é raro ver Associados ajudando no armazenamento e na organização da distribuição de alimentos em diferentes momentos do dia. Os médicos ou outros profissionais de saúde que vão ajudar os pobres no Haiti, pagam eles mesmos, suas viagens e sustentam outros voluntários que aceitam dar de seu tempo, mas não podem pagar sua viagem. Muitos voluntários participam no Natal do programa “Adotar uma família”: cada unidade arrecada dinheiro ou presentes para ajudar uma família necessitada. O Serviço de nutrição assegura as refeições das pessoas inválidas isoladas para *Thanksgiving* e colabora no serviço das refeições em domicílio, 80 motoristas de táxi de Jacksonville participam

voluntariamente da entrega das refeições. Os Associados dão de seu tempo gratuitamente, quando lhes pedimos para responder a uma necessidade.

### **Orientações da missão**

Quando novos empregados são orientados para trabalhar nos dois Centros hospitalares (São Vicente e São Lucas) e o Lar “Santa Catarina Labouré”, eles recebem uma informação sobre a missão das Filhas da Caridade e a história da Companhia desde o tempo de São Vicente e de Santa Luísa. Os empregados aprendem que o carisma dos fundadores é importante para a nossa missão com os doentes e os pobres. É a razão pela qual, todos os anos, sua festa é celebrada no hospital, bem como a de Santa Catarina Labouré e de Santa Elizabeth Ann Seton.

As cinco Filhas da Caridade que estão em missão no Centro hospitalar São Vicente participam do serviço dos tratamentos e das pessoas que sofrem de diferentes pobreza.

Membro da equipe de animação pastoral, Irmã Lucie visita os doentes, os escuta, os reconforta e leva-lhes a Comunhão. Na saída deles do hospital, ela mantém contato com eles e continua visitando os doentes que moram sozinhos.

Irmã Claire-Marie, Irmã servente da comunidade, tem por missão ajudar a equipe de direção e outros Associados a aprofundar a espiritualidade vicentina.

Irmã Joan trabalha na Fundação São Vicente. Esta Associação arrecada fundos para custear numerosos Serviços de proximidade. Este tipo de trabalho, diretamente ligado ao de São Vicente, tem por objetivo fazer com que os benfeitores participem das obras.

Irmã Patrícia está diretamente engajada com as pessoas necessitadas no Serviço de proximidade para a distribuição de alimentos em benefício de toda pessoa necessitada. Ela também pode ajudar os membros do Pessoal confrontados a uma crise financeira em suas famílias. Às vezes, trata-se de uma ajuda direta em forma de doação ou de um empréstimo reembolsável pela pessoa assim que ela saia de suas dificuldades.

Irmã Virgínia Ann assegura a formação dos Associados à missão vicentina, baseada nos valores fundamentais do sistema de saúde. Estes Programas, como os do hospital São Lucas, estão diretamente ligados à missão do sistema de saúde para as pessoas pobres.

As Irmãs reconhecem que seu serviço dos pobres através do trabalho que realizam nos hospitais São Vicente, São Lucas e no Lar Santa Catarina Labouré *“nutre sua contemplação e dá sentido à sua vida comunitária assim como a relação com Deus e a vida fraterna em comum, revigora sem cessar o compromisso apostólico”* (C. 16b).

Não há dúvida de que as Filhas da Caridade que trabalham no Centro hospitalar São Vicente em Jacksonville realizam a missão que os Fundadores definiram como sendo a obra principal da Companhia desde as origens. Elas procuram responder às necessidades corporais e espirituais das pessoas que vivem na pobreza, motivando e formando outros para fazerem o mesmo.

A Comunidade de Jacksonville

## Atualidade das Províncias

### NOMEAÇÕES

Designação das Visitadoras  
e nomeação dos Diretores provinciais

PROVÍNCIA DA AUSTRIA: Irmã Elfriede Magdalena POMWENGER foi designada Visitadora, em substituição de Irmã Angelika PAUER, em 7 de abril de 2010.

PROVÍNCIA DE MADRID SANTA LUISA: Irmã Concepcion VIVIENTE CORE foi designada Visitadora, em substituição de Irmã Maria Cruz GUTIERREZ MARTIN, em 7 de abril de 2010.

PROVÍNCIA DA IRLANDA: Irmã Catarina PRENDERGAST foi designada Visitadora por três anos, em 7 de abril de 2010.

PROVÍNCIA DA NIGERIA: Irmã Gloria ANIEBONAM foi designada Visitadora em substituição de Irmã Francesca EDET, em 23 de abril de 2010.

PROVÍNCIA DA TAILANDIA: Irmã Consolacion EATA foi designada Visitadora em substituição de Irmã Josefina ESTREMER, em 23 de abril de 2010.

PROVÍNCIA DE MADRID SÃO VICENTE: Irmã Maria del Carmen ZABALLOS LOSADA foi designada Visitadora por mais três anos, em 2 de junho de 2010.

PROVÍNCIA DE PAMPLONA: Irmã Soledad GARCIA IMAS foi designada Visitadora em substituição de Irmã Presentacion URRICELQUI YOLDI, em 16 de junho de 2010.

PROVÍNCIA DA AFRICA CENTRAL: Irmã Maria Remedios LOPEZ SORLOZANO foi designada Visitadora em substituição de Irmã Sabina IRAGUI, em 12 de julho de 2010.

\* \* \* \* \*

O Padre Patrick GRIFFIN foi nomeado Diretor geral por seis anos, em 21 de outubro de 2010.

\* \* \* \* \*

PROVÍNCIA DA SUIÇA-TURCA: o Padre Yves BOUCHET foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 29 de abril de 2010. O Padre Semaan JAMIL foi nomeado Sub-Diretor para a Comunidade do Hospital da Paix em Istambul, em 29 de abril de 2010.

PROVÍNCIA FRANÇA NORTE: o Padre Pierre CORNEE foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 29 de abril de 2010.

PROVÍNCIA DE SIENA: o Padre Giancarlo PASSERINI foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 29 de abril de 2010.

PROVÍNCIA DOS PAÍSES-BAIXOS: o Padre Jan Van BROEKHOVEN foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos, em 11 de maio de 2010.

PROVÍNCIA DA AMÉRICA CENTRAL: o Padre Ismar de Leon HERNANDEZ foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 24 de maio de 2010.

PROVÍNCIA DE MADRID SANTA LUÍSA: o Padre Antonio Molina SALMERON foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade para um mandato de três anos, em 16 de julho de 2010.

PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE: o Padre Weldeghebriel AMINE foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 17 de setembro de 2010.

PROVÍNCIA DE BOGOTÁ: o Padre Luis Alfonso STERLING MOTTA foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 26 de outubro de 2010.

### TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província das Canárias (Espanha)

#### **A Comunidade de Corralejo**

Corralejo fica localizado no Canton de “La Oliva” ao norte da Ilha de Fuerteventura (uma das 7 ilhas do Arquipélago das Canárias). Além da pequena cidade de Corralejo, o Canton é formado por 9 povoados. A População varia muito. Atualmente, o Canton conta com mais de 20 000 habitantes e Corralejo, a menor, com aproximadamente 15 000, há mais de 80 nacionalidades, os povoados mudam muito.

Atualmente, a Comunidade é formada de quatro Irmãs aposentadas. Foi implantada no ano de 1975 em Corralejo como “Obra Social da Virgem da Medalha Milagrosa”. Desde quando chegaram, as Filhas da Caridade deram início às equipes da Associação da Medalha Milagrosa (AMM) e continuam ainda hoje: uma dezena de imagens da Virgem passa de casa em casa e as famílias se comprometem a rezar, reunindo-se cada mês, com outras famílias para poderem receber um tempo de formação.

Todas nós trabalhamos na Paróquia, mas também, junto às famílias, às pessoas idosas, doentes, aos migrantes e aos sem teto. Colaboramos com uma senhora que é contratada pela Companhia e sete voluntários leigos. Temos um contrato com o Conselho Municipal de Fuerteventura para manter “o Programa às pessoas Idosas da região Norte”. A Assistente Social da Prefeitura coordena o nosso trabalho: visitamos as famílias para conhecer suas necessidades em equipamentos hospitalares, por exemplo: leitos, cadeira de rodas ou outros; depois nós os ajudamos à dar entrada na solicitação do equipamento junto à Segurança Social. Em caso de morte, temos a preocupação de recuperar o equipamento para que outra pessoa possa se beneficiar.

No ano passado, a Comunidade também estava engajada com o Centro de retenção para os Emigrantes de Fuerteventura que ficava localizado no antigo quartel da Legião. Todas as manhãs, uma Irmã ia ao Centro como enfermeira, e se ocupava dos trabalhos no campo de saúde e dava cursos de espanhol. Porém, desde outubro passado, o Centro está fechado.

Uma Irmã trabalha no Socorro Católico, pois muitas famílias estão desempregadas e se encontram em estado de miséria. Outra Irmã visita as pessoas idosas em domicílio e os doentes no hospital. Quando um doente deseja conversar com um Padre, ela o coloca em contato com ele. Leva também a comunhão àqueles que desejam. Ela acompanha as pessoas idosas que não podem se deslocar para fazer seus exames laboratoriais e as consultas médicas. Com a Primeira Dama do Município, ela tem o projeto de trabalhar no Centro diurno para pessoas idosas, que brevemente, será aberto.

As quatro Irmãs estão bem engajadas na Paróquia. Uma, é responsável pela Sacristia e dos paramentos do altar, a outra, pela animação da liturgia e o acompanhamento de funerais. Estes são momentos muito importantes para se unir às pessoas que estão sofrendo. A terceira trabalha na catequese, e no despertar da fé. Ela reúne a cada quinze dias, as trinta e cinco mães, que fazem a catequese familiar. Uma tarde por semana, organiza com dois voluntários da AMM um tempo de oração para todas as pessoas que desejam rezar juntas. E a quarta Irmã, trabalha com os arquivos paroquiais e com a preparação do batismo.

Enfim, com os sem teto, tentamos ajudá-los a voltar para suas famílias, mas infelizmente, às vezes, é inútil.

Foi durante as visitas que nós conhecemos e convidamos algumas pessoas que aceitaram ajudar-nos na missão: há mais de cinco anos, Rosi, ficou viúva e sozinha, seus filhos são todos casados, ela é responsável por muitos trabalhos, passa horas no Socorro Católico fazendo a triagem e a revisão das roupas. Luis e Emérita nos conduzem de carro pelos vilarejos; Carmem, nossa vizinha, trabalha na sacristia e faz várias visitas, achando sempre que não faz o bastante. Finalmente, Masi, a mais nova, professora de Inglês, enternecida pela nossa maneira de servir aos outros, desejou fazer uma experiência conosco; hoje, ela fica fascinada ao descobrir Deus nas pessoas que ela encontra.

Para terminar, escrevemos em nosso Projeto Comunitário, que nossa casa seja sempre um local de escuta, para todos aqueles que precisarem. Somos felizes de poder continuar a servir o Cristo na pessoa dos doentes ou em dificuldades.

Comunidade de Corralejo

## ANO JUBILAR DO 350º ANIVERSÁRIO DA MORTE DOS FUNDADORES

### **Luísa de Marillac – Fundadora**

As lições da história nos ensinam sobre o futuro e abrem a porta da reflexão e da meditação sobre a nossa herança. Vicente de Paulo pertence à grande história....e Luísa de Marillac ?...

### **Introdução**

Um mistério pairava sobre sua infância, pois ela jamais conheceu sua mãe e não se conhece com fidedignidade o lugar de seu nascimento. Desde a infância, esta dor a marcou secretamente “...desde o meu nascimento e não me havendo quase nunca deixado em qualquer idade (de minha vida) sem ocasião de sofrimento”<sup>1</sup>. Seu destino está nas mãos de Deus; a obscuridade sobre o futuro se esclarecerá. Luísa encontrará a sua luz no coração de

Cristo, **formando as servas dos pobres**, de maneira que o Papa Pio XII, então Cardeal, pôde dizer, em alta voz, no dia da canonização: *“Ela, Luísa de Marillac, que vos fez desenvolver através de seu olhar, de sua palavra, de sua atenção, de seu exemplo de incansável heroísmo, enquanto eram apenas um pequeno rebanho...”*.

Formadora, organizadora, guia espiritual, como isto pôde realizar-se no século XVII, conhecido historicamente por dois extremos: a riqueza e a pobreza, a libertinagem daqueles que chamavam-se os Grandes e a mística dos pobres **se traduzindo em mística da ação**, segundo São Vicente de Paulo?

Os primeiros anos do século XVII, após ter visto Paris exposta às devastações da peste, a França mergulha no caos das guerras civis com: a liberdade excessiva, a ignorância do povo, o relaxamento da disciplina entre o clero e os mosteiros. Paris é povoada por uma multidão incontável de indigentes, de aventureiros, de pessoas ousadas, capazes de tudo, que com o anoitecer, tornavam-se mestres da rua. A miséria e a pobreza estão instaladas.

Ao mesmo tempo, uma viva reação se formava no coração de alguns, As almas generosas procuravam uma solução para esses males: alguns na clausura, através da prática das mais puras máximas do Evangelho, outros no mundo fazendo-se a **providência dos miseráveis**. Entre esses corações generosos, **Luísa de Marillac** assumia o seu lugar; no entanto, por uma orientação misteriosa de Deus, o ardor do seu coração, ávido de piedade, de renúncia e de perfeição, esperará longos anos o sinal de Deus.

## **DO NASCIMENTO AO ENCONTRO COM SÃO VICENTE**

Algumas notas, correspondendo à preparação de Luísa para realizar o plano de Deus, não estão numa biografia, mas em alguns episódios para situar Luísa no seu ambiente até à hora de Deus. A preparação começará desde o berço até o fim de sua vida. A família Marillac chegou ao apogeu de seu poder. O menos conhecido era o pai de Luísa, Conselheiro do Parlamento, que não esqueceu nada do que era útil para a formação de uma criança nos “exercícios do corpo e do espírito” no tempo de sua juventude.

A partir de 15 de agosto de 1591, Luís de Marillac faz o registro a fim de assegurar à criança que acabara de nascer, a doação de uma renda anual, e a posse de terras localizadas no território dos Ferrières. Uma carta endereçada a uma “prima, religiosa em Poissy” chamada Luísa de Marillac, acompanhava este ato feito perante o notário, mas a carta jamais chegou. Assim, ignoramos a idade que Luísa havia quando chegou ao Mosteiro Royal São Luís de Poissy. Que uma criança fosse confiada a um Mosteiro para a sua educação, não era um fato incomum para a época, especialmente quando, entre os membros da Comunidade, ela contava com um parente<sup>2</sup>.

A infância de Luísa é revestida por uma atmosfera religiosa, sua alma se desenvolve neste ambiente onde Deus tinha o seu lugar, onde Luísa fez todos os seus primeiros estudos impulsionada pela cultura intelectual: catecismo, liturgia, literatura se encontravam intimamente ligadas. Irmã Marillac, parente de Luísa, estava entre as religiosas mais respeitadas do Mosteiro. Ela traduzia para o Francês o Ofício da Santa Virgem e os salmos da penitência. Compunha as meditações sobre todas as festas do ano e fez um comentário do Cântico dos Cânticos, o que nos faz pensar que, segundo Mère Poinset que os dons literários são colocados ao serviço de uma vida espiritual autêntica e profunda<sup>3</sup>. Foi pois, no Mosteiro Real de Poissy que Luísa aprendeu a ler e a escrever. Ao adquirir o conhecimento do

latim, ela aprendeu a história sagrada, a história dos santos e portanto, bem cedo, a conhecer a Deus, a dirigir-Lhe preces, a amá-Lo e a vê-Lo revelar-se nos pobres e maltrapilhos.

Após certo tempo, seu pai a retirou de Poissy e a colocou sob a responsabilidade de uma senhora muito hábil e virtuosa para que lhe ensinasse, segundo Gobillon, “a fazer os trabalhos convenientes à sua condição”. Para tanto, seu pai não esqueceu de nada, ou seja, do essencial para o seu aperfeiçoamento. Descobindo em sua mente uma profunda capacidade de aprendizagem para diferentes tipos de saberes, ele a iniciou no aprendizado da Filosofia, e na reflexão das ciências mais elevadas “*o que a fez desenvolver o gosto pela leitura, a tal ponto que ela o fazia habitualmente, como uma de suas ocupações mais comuns*”. Para a pintura, “*teve tanta inclinação para esta bela arte que a aplicava sempre, em diferentes momentos de sua vida*”<sup>4</sup>.

Luísa está no pensionato em Paris, a casa da família não lhe está aberta de maneira habitual: em alguns dias, ela vê seu pai, homem culto, que reconhece rapidamente as possibilidades intelectuais de Luísa, atraída por temas profundos e questões sérias. No fim de sua vida, ele escreveu no seu testamento “*ela foi a minha maior consolação neste mundo, ela me foi dada por Deus para a minha paz de espírito nas aflições da vida*”<sup>5</sup>.

Quando o seu pai morreu em 1604, não lhe restava nada mais que Deus. Em um impulso de entusiasmo, ela deseja entrar no Convento das Capuchinhas. Dada a sua saúde frágil, o Padre Honoré de Champigny lhe pediu para renunciar a este projeto, acrescentando: “*Deus tinha sobre sua pessoa algum outro projeto, que ele não lhe revela*”.<sup>6</sup>

Entre 1604-1613, existem, ainda, muitos pontos obscuros. A Família Marillac está pouco preocupada em tirar da obscuridade uma menina que eles não renegam a existência, mas, que não deveria configurar na árvore genealógica. O mundo a rejeitava, Deus a atraía. Durante este tempo... **os tios e tias procuravam-lhe um bom marido.**

E foi entre os funcionários da Rainha que eles o escolheram. Em 5 de fevereiro de 1613 na Igreja de Saint-Gervais, ela se casa com Antônio Le Gras, secretário da Rainha Maria de Médicis e tornou-se **Mademoiselle Le Gras** para a sociedade. O casal instalou-se na Paróquia Saint-Merry. Miguel nasceu no final do ano de 1613 e foi batizado na mesma Paróquia.

O tempo passa! Antônio Le Gras está gravemente doente. Luisa cai em um grande abatimento de espírito que dura até Pentecostes “*Eu tinha dúvida, disse ela, se deveria deixar meu marido, como o desejava insistentemente, a fim de reparar meu primeiro voto e de ter mais liberdade para servir a Deus e ao próximo*”<sup>7</sup>. No dia 4 de junho de 1623, dia de Pentecostes, na Igreja de São Nicolau dos Campos durante a Santa Missa, **tudo se esclarece.**

Antônio Le Gras morreu em 21 de dezembro de 1625. Luísa fica sozinha com seu filho de 12 anos. A prova é dura. Padre Vicente, pela graça de Deus, torna-se o conselheiro visionado durante a Luz de Pentecostes. Ele a encarrega do serviço dos pobres, progressivamente nas Confrarias da Caridade, início da realização das palavras do Pe. Honoré de Champigny. “**Deus tinha sobre sua pessoa algum outro projeto, que ele não lhe revela**”.

Esta longa introdução foi necessária para compreender bem a preparação do desígnio de Deus, em corpo e em alma, em Luísa: **Ser e Fazer** serão seu pão cotidiano na aceitação

da Vontade de Deus, neste século da caridade em ação com aqueles que a ajudarão à sair de seus escrúpulos de consciência.

Após a tormenta interior e a morte de seu marido, uma calma relativa lhe permite organizar sua vida. Ela deixa a casa luxuosa organizada com Antônio Le Gras, por uma habitação mais simples. Ela reza, ela lê. Na época as pessoas piedosas alimentavam sua vida espiritual através da leitura dos livros sagrados. Não teria ela feito a leitura da Sagrada Escritura com seu marido? Privilégio raro! Através de um escrito de 08 de maio de 1623 de Jean-Pierre Camus, Bispo de Belley, autoriza o casal à ler juntos a Bíblia, versão francesa dos Doutores de Louvain<sup>8</sup>.

O século XVII é também o século da caridade. O amor ao próximo aparece como um seguimento necessário ao amor de Deus, as boas obras devem ser realizadas à Luz da fé. Luísa vai incluí-las em seu regulamento de vida<sup>9</sup>. O exemplo veio do alto. Os familiares da Rainha Ana da Áustria destacaram algumas particularidades de seu amor pelos pobres. Assumindo as mais diferentes formas, esta caridade se manifesta com uma especial intensidade em seus contatos com o Padre Vicente, que se estreitam no momento da morte de Luís XIII. O historiador de “A ação caritativa de uma Rainha da França”, Ana da Áustria sobre este encontro, relata o seguinte fato “*No dia seguinte à morte do Rei, Padre Vicente se preparava para voltar à São Lázaro quando sua Majestade o reteve: ‘não me abandone, disse ela, eu vos confio a minha alma. Quero amar e servir a Deus’*”<sup>10</sup>. Ela fez retiro sob sua direção. Desde então, os dois nomes ficaram estreitamente associados na organização da caridade. É difícil, diz o autor, saber medir a contribuição de um ou de outro, pois, tal era a sua mútua e íntima colaboração. Quando a iniciativa veio da Rainha, ela confiou a realização ao Pe. Vicente através de seus missionários e das Irmãs. Encontramos a ação beneficente em todos os recantos da miséria neste século XVII.

As razões deste movimento das obras de assistência em favor dos pobres, dos doentes são devidos fundamentalmente à um sentido mais aguçado da solidariedade humana, segundo a linguagem atual, tendo sua fonte no aprofundamento da vida cristã, uma redescoberta da **eminente dignidade dos pobres**. Bossuet, depois, muitos outros, disse e reiterou em vários de seus sermões. Luísa de Marillac, em sua solidão, participa discretamente na realização do serviço dos pobres e se **comprometerá com os mais pobres**.

Em 1619, ela encontra Francisco de Sales, que era amigo de Miguel de Marillac e estava em Paris devido à diferentes compromissos. Ele subiu ao púlpito mais de 300 vezes e, dentre as damas da sociedade que escutavam suas pregações, estava Mademoisele Le Gras. Um dia, ele teve a benevolência de visitá-la, ao saber de seu sofrimento. Foi informado sobre o grande abatimento de seu espírito. Nada era mais contrário à mentalidade do sereno Bispo. Ele não pode fazer outra coisa senão exortá-la com algumas palavras que lhe eram familiares em circunstâncias semelhantes... “não seja minuciosa nos exercícios de virtudes, mas é preciso avançar com sinceridade e simplicidade, com liberdade, em espírito de fé, com naturalidade”.

Antes de retornar à Savoie, ele pediu à Jean-Pierre Camus para cuidar de Luísa. A orientação do Bispo de Camus parece ter sido muito sábia, apesar de toda a polêmica que inquietava alguns, excitava outros nas imprecisões que impunham o estilo romano de suas obras. Na prática, Dom Camus, se revela diretor, e diretor apreciado por Luísa de Marillac. Esta direção coincide com o período muito duro da vida de Luísa. A troca de correspondência nesta ocasião testemunha sua confiança em seu diretor e também o alto ponto de vista deste

último: “*é necessário fazer os exercícios de piedade na solidão, sendo como o mel, raramente e sobriamente, pois você tem certa avidez espiritual que precisa ser contida*”<sup>11</sup>.

A partir de 1625, Jean-Pierre Camus retornando à Belley, para não voltar mais à Paris, aconselha a sua penitente de escolher um outro diretor. Ele a confiou ao Padre Vicente? Aparentemente, não. Deus se encarregará disso, na visão que teve em São Nicolau dos Campos: este será **Padre Vicente**, que Francisco de Sales estimava como um verdadeiro homem de Deus.

Após a morte de seu marido, uma nova vida se instaura. Luísa faz retiro, o novo diretor estabelece o programa e os temas da meditação. Luísa presta-lhe contas cada dia do que se passa, pois ele deseja saber se Deus fala, e quer que ela saiba que Deus falou. Luísa sai de sua solidão, graças à direção prudente e paciente de Padre Vicente e, sem precipitação, ela conhecerá os desejos de Deus.

### **LUISE DE MARILLAC, FORMADORA E GUIA ESPIRITUAL**

Tudo começará em 1626! Luísa decidira: doar-se a Deus, e a Deus para os pobres. Quando ela anunciará sua decisão definitiva, ao Padre Vicente, ele a felicita e termina sua carta: “*Oh ! que árvore você produziu hoje aos olhos de Deus, visto que você produziu tal fruto! Nunca poderás ser uma tal árvore de vida, produzindo frutos de amor!*”<sup>12</sup>

No esquecimento de si própria, Luísa havia adquirido uma firmeza, um domínio, um equilíbrio que a colocava à altura de todas as responsabilidades. Como organizadora que se tornou, ela percebia as deficiências das Confrarias. Após concertação com Padre Vicente, os dois estavam convencidos que a **caridade tinha necessidade de servas**, que não poderiam servir sem terem sido preparadas tecnicamente, moralmente e espiritualmente, sem ser orientadas e apoiadas.

A necessidade fez seu caminho...

A hora de Deus, Pentecostes 1623... Luísa é invadida por uma graça extraordinária que ela chama Luz: “*Fui avisada...que um tempo viria em que estaria em condições de fazer o voto de pobreza, de castidade e de obediência, numa pequena comunidade, com pessoas que fariam o mesmo...*”<sup>13</sup>. A realização desta graça tomou forma em 29 de novembro de 1633. Após as hesitações, a ajuda do Espírito Santo dissipa as nuvens, Padre Vicente permite à Luísa formar as servas dos pobres em **sua casa**. Sem abandoná-la, ele servia de guia para a preparação. Desde o mês de maio de 1633, um pequeno bilhete lhe foi endereçado: “*Fazei um esboço do regulamento, em seguida, eu o verei, e depois farei o que me pedis, dissei-me os obstáculos aos quais temeis*”<sup>14</sup>.

A formação das jovens será assegurada por ambos. O ponto onde os dois fundadores estarão de pleno acordo, é na aplicação do evangelho no Serviço dos Pobres. Padre Vicente lembrará este ponto à pequena comunidade reunida para a conferência do dia 19 de setembro

---

de 1649 sobre o amor de Deus : “O assunto da presente conferência será o amor de Deus que se encontra no Evangelho de hoje... Amarás ao teu Deus, com toda tua alma, com todo o teu coração, e com todo o teu entendimento, etc (Mt 22,37)”<sup>15</sup>. A redatora, Irmã Elisabeth Hélot, acrescenta: “o que Nosso Senhor permitiu ser-lhe perguntado sobre as razões deste assunto, nos são apresentadas na instrução contida no Evangelho de hoje, conforme a qual **Mademoiselle Le Gras julgou oportuno tratarmos deste assunto...**” .

Em 29 de novembro de 1633, as jovens estão aqui. Em um pouco de tempo, outras se unirão. Luísa havia refletido seu projeto de formação. No pequeno conselho da Companhia, ela explicitará em alguns pontos, particularmente, as condições de admissão e o específico da formação, pois “*ser Filhas da Caridade, é ser filhas de Deus, filhas pertencendo inteiramente a Deus*”<sup>16</sup> de acordo com as exigências do Padre Vicente.

Até sua morte, ela terá o zelo pelas condições de admissão em fidelidade às exigências definidas nas origens. Padre Vicente manifestará este acordo seja nos conselhos, seja nas conferências que ele pronunciou nos encontros com as Irmãs: “*para ser verdadeira Filha da Caridade, deve-se ter deixado tudo : pai, mãe, bens, pretensão ao lar ; é isso que o Filho de Deus ensina no Evangelho; deve também ter-se deixado a si mesmo; porque se se deixar tudo e se conservar a vontade própria, se se não deixar a si mesmo, nada se fez*”<sup>17</sup>.

Na primeira conferência sobre o Espírito da Companhia, Padre Vicente insiste: “*importa que as Filhas da Caridade saibam em que consiste este espírito, tanto quanto importa a uma pessoa que quer fazer uma viagem saber o caminho que a deve levar ao lugar para onde quer ir*”.<sup>18</sup> Na semana seguinte, sobre o mesmo assunto: “*repito ainda uma vez que o espírito da Companhia, minhas Irmãs, consiste no amor de Nosso Senhor, no amor dos pobres, no amor entre vós, na humildade e na simplicidade*”<sup>19</sup>.

Como o Padre Vicente ia concluir, Mademoiselle Le Gras lhe diz : “*Meu pai, peço-vos que nos entregueis a Deus para entrarmos bem neste espírito e que lhe peçais perdão para as faltas que temos contra esse mesmo espírito*”<sup>20</sup>.

De comum acordo com Mademoiselle Le Gras, ele lembrará em algumas ocasiões o que eles haviam combinado, segundo as circunstâncias desde o dia 31 de julho de 1634 para estarem aptos de serem enviadas aos lugares onde poderiam ensinar, aproveitar as ocasiões para aprender os meios de se aperfeiçoar. “*Quanto importa que uma Filha da Caridade esteja bem informada do que deve fazer quando é enviada para algum lugar... deveis ser muito cuidadosas, pois importa muito informar-vos bem, enquanto aqui estiverdes, sobretudo, quanto deveis saber, e ter cuidado de fixar tudo quanto vos disserem. E como não podeis ficar aqui muito tempo, deveis estar mais atento o pouco tempo que aqui estais*”<sup>21</sup>.

Uma outra insistência se refere à **Instrução dos pobres** sobre as coisas necessárias à salvação “ *é preciso que **elas próprias se instruam** antes de ensinar aos outros.*”<sup>22</sup> Ele insiste com as Irmãs que estão em Paróquia “*procurai preparar-vos bem para o ensino do Catecismo às crianças*”.<sup>23</sup>

---

Padre Vicente utilizava a correspondência com Mademoiselle Le Gras para esclarecer alguns pontos para a formação cotidiana, sem que sua presença fosse necessária : “*Será bom dizer-lhes em que consiste as sólidas virtudes, especialmente, as da mortificação interior e exterior, a de nosso julgamento, a de nossa vontade, das lembranças, do olhar, da escuta, do falar e de outros sentidos, das afeições às coisas más, inúteis e mesmo as boas, por amor de Nosso Senhor que as praticou; precisaria nelas afirmar-se, especialmente na virtude da obediência e da indiferença... será bom que vós lhes digais, que sejam ajudadas para adquirirem esta virtude da mortificação e nela exercitarem-se e eu lhes direi também, a fim de que, elas a isto se disponham...*”<sup>24</sup>

O programa é denso, sólido, mas nada se adquire de uma única vez, a formação é permanente. Para encorajar Mademoiselle, ele lhe escrevera em 1634 : “*Parece-me que estais bastante atarefada e que deveis exercitá-las na leitura e nos trabalhos manuais, a fim de que elas possam trabalhar no campo*”<sup>25</sup>.

O número de jovens que entra na Companhia aumenta todos os dias, bem como o trabalho. Luísa **se deixa ajudar nomeando uma diretora do Seminário**. No Conselho de março de 1648, Pe. Vicente a interpela: “*E vós, minha Irmã, vós que tendes o encargo das Irmãs novas, fazei-as compreender bem a maneira de fazer a oração sobre o tema de uma conferência, as razões para realizarem tal coisa..., enfim, minha Irmã, compete a vós torná-las capazes disso*”<sup>26</sup>.

**O pensamento** de Luísa de Marillac, concernente a formação, não é explicitado em um tratado sobre a referida formação, mas em sua correspondência, ao longo dos anos, segundo as circunstâncias com o Pe. Vicente e o Abade de Vaux, Irmão Ducourneau e as Irmãs Serventes das fundações. Luísa é clara, precisa em seus escritos pessoais, em suas recomendações que nos são transmitidos através de sua primeira biografia, Pe. Gobillon e os historiadores posteriores. Algumas notas sobre a obrigação de serem instruídas, insistindo sobre as consequências da omissão : “*haveria temeridade em não se saber como realizar o que se tem de fazer para agir corretamente. Achando-se na incerteza daquilo que se deve fazer, se estará sempre em perigo de ofender a Deus*”<sup>27</sup>.

Ela aponta, em uma de suas preocupações, como se comportar como uma verdadeira Filha da Caridade “*é preciso estar sempre disposta a praticar a santa obediência, a fim de cumprir a Vontade de Deus*”.<sup>28</sup> Luísa recomenda também às Irmãs para ter “**grande afeição e devoção à instrução que se faz durante três quartos de hora, pois é uma ação muito importante e necessária, para que se instrua o que sois obrigadas a fazer**”<sup>29</sup>.

**CONDIÇÕES REQUERIDAS PARA A ADMISSÃO, SEMPRE MUITO PRECISAS DE ACORDO COM O TEMA ATUAL E A PESSOA INDICADA.**

**Ao Abade de Vaux**, em 1640, Luísa fala do acolhimento das candidatas, se esta for a Vontade de Deus, com o desejo de receber somente aquelas que são chamadas. Mais tarde, ela acrescentará a necessidade de boa saúde, de coragem, de solidez, e perseverança. “*Sabeis, escreve em junho de 1641, as consequências que há em serem admitidas, nas Comunidades, pessoas sem as devidas condições*”, verificar também as motivações “*por favor, cuidai para que não seja o desejo de conhecer Paris que as mova a vir*”<sup>30</sup>.

A importância do conhecimento da candidata: “*Parece-me que não sei por qual sentimento - igualmente, quase temeria um espírito que nada receasse como aquele que, por prudência humana, quisesse tudo saber, antes mesmo que cedesse logo*”<sup>31</sup>.

Por isso que no conhecimento da vocação, é preciso garantir a pureza de intenção: desejo de fidelidade, boa vontade, aptidão para servir, ser claro quanto as exigências *“Parece-me necessário avisá-las de que, caso não cumpram o que prometem, serão mandadas de volta ou terão de arranjar, por aqui, um emprego. Falo-vos assim, senhor, porém, seria necessário cometerem faltas bem graves para se chegar a esse extremo”*<sup>32</sup>.

**Padre Portail** está no Mans, Luísa escreve-lhe em março de 1646 em resposta à uma proposição: *“creio ser isso tão necessário que poderíamos até enviar quatro Irmãs daqui. Embora elas vos pareçam muito **submissas** agora, é de se temer, senhor, que na prática, se contradigam e isso se torne um costume em outros lugares”*<sup>33</sup>.

Em Angers, Luísa fala-lhe das necessidades de jovens por causa do serviço, mas também da necessidade de aptidões... *“peço-vos, também, dizer-me o que combinastes ao nos enviar essa moça do Hospital, tanto com os Administradores como, com ela mesma. Se é, simplesmente, para ser uma das nossas, podendo-se devolvê-la sem outras condições, como o fazemos com as demais...”*. Em um outro caso, nesta mesma carta, ela reforça: *“sabeis que precisamos delas, mas, também, de que tenham todas as disposições requeridas, peço-vos, senhor, que lhes faleis em particular, eu vos peço de recebê-las ou recusá-las”*.<sup>34</sup> Uma última correspondência com o Pe. Portal precisamente para Mans... *“humildemente, vos peço é que tomeis todas as informações possíveis, referentes às jovens que solicitam sua admissão na Companhia...”*<sup>35</sup>.

A formadora conversou com as Irmãs Serventes quanto ao recrutamento. A correspondência com as Irmãs indica a data, as condições de aceitação, de tentativas ou de recusas.

Barbará Angiboust recebeu o seguinte comentário : *“a candidata citada não está apta, coloque-a em condições de crescer”*<sup>36</sup>.

As jovens consideradas aptas devem apresentar-se antes de serem recebidas, a fim de melhor conhecer suas características e estar claro sobre a diferença de vida e de serviço, segundo os lugares. Na carta à Joana Lepeintre está claro: *“é bom que ela compreenda a grande diferença entre a vida e o trabalho de nossas Irmãs da Casa (Mãe) e das Paróquias de Paris, das aldeias e dos hospitais.”*<sup>37</sup>

*“Espero, queridas Irmãs, que, se com frequência, ela for passar o dia inteiro em vossa casa, tenhais o cuidado de que alguma Irmã não lhe conte “histórias”. Para isso, em vossas conferências pedi às Irmãs que reflitam sobre a obrigação de dar-lhe o bom exemplo. Experimentai-a bem antes, para que não vejamos obrigadas a despedi-la”*<sup>38</sup>.

Irmã Cecília-Agnès recebe uma carta confirmando a chegada de algumas jovens : *“se a julgardes aptas, ... Não precisamos, porém, de **preguiçosos**, nem de **tagarelas**, nem das que, sob pretexto de serem Filhas da Caridade, querem é conhecer Paris, sem nenhuma vontade de servir a Deus e de trabalhar na própria perfeição. É isso que nos leva a termos que despachá-las ou que elas partam por sua conta”*<sup>39</sup>.

Luísa de Marillac estuda minuciosamente todos os pedidos e o acompanhamento em sua vocação : *“para umas, tomar tempo para sondá-las sobre o assunto e de **averiguar se a loquacidade** dessa de quem me fala, vossa caridade, é devida a imprudência ou então á um **hábito contraído nas casas por onde ela esteve empregada**, o qual, de nenhum modo, nos*

*conviria. Não costumamos receber pessoa de quem se tenha a menor suspeita de algum deslize; isto é de grande importância para todas as outras”*.<sup>40</sup>

A Formadora não teme interrogar as Irmãs Serventes sobre a maneira de estudar a candidata ou mesmo sobre as qualidades e a visita junto à família, se necessário fosse... *“dizei-me se não expusestes tudo bem claramente a senhorita Chevalie, ou se lhe destes a entender que ela seria dispensada, de muitas coisa e a guardaríamos apesar de qualquer enfermidade que tivesse. Estivestes com a senhora sua Mãe? Dissestes-lhe o mesmo? Porque, até agora não parece que será apta, nem quanto ao espírito nem às condições físicas... mas, estaria bem melhor em sua terra do que aqui, onde está continuamente doente”*<sup>41</sup>

No Conselho da Companhia de 30 de outubro de 1647, Padre Vicente repetiu o que tinha sido previsto: *“trata-se de formar jovens que possam servir a Deus na Companhia, trata-se de fazê-las enraizar-se na virtude e ensinar-lhes a submissão, a mortificação, a humildade, a prática de suas regras e de todas as virtudes”*<sup>42</sup>.

Os dois fundadores seguiram fielmente a vontade de Deus, submetendo-se a sua divina Providência.

Em 1654, Luísa descreve ao Abade de Vaux um momento difícil na formação que lhe era muito querida: *“Temos muita dificuldade, depois da guerra, de encontrar jovens que possam servir para nossos ministérios e acontece que várias, depois de formadas, deixam-se levar por seus próprios interesses e saem da Companhia para ter mais liberdade. Já faz uns anos que isto nos criou um grande problema”*<sup>43</sup>.

## **O CONSELHO E A FORMAÇÃO**

É preciso que todas as coisas aconteçam no seu tempo : cada estado tem seu começo, seu progresso, seu fim. Se pararmos sempre no começo, é muito querer equivocar-se. Mademoiselle Le Gras esta convicta, ela faz esta experiência diariamente. Padre Vicente aconselha, anima: *“nossas boas Irmãs daqui estão agindo bem”* ou *“se Nosso Senhor vos mostrar que Barbara tem aptidões para dirigir, disponde dela...”*<sup>44</sup>

Algumas dúvidas são tratadas por correspondências, mas outras serão refletidas e decididas em Conselho. Em 28 de junho de 1646, trata-se da necessidade de dispensar uma Irmã. Após ter interrogado as Irmãs, Padre Vicente continua: *“Mademoiselle afirma que seria muito necessário tirá-la daqui, porque conservá-la fazendo só o que quer, seria mal exemplo para as outras. Além disso, não se tem certeza se assim, ficaria em paz, pois, ao primeiro desejo singular que a dominasse ela recomeçaria como antes...Se por ela mesma quisesse sair, por si ou por alguém, e trabalha-se para ganhar alguma coisa, a Companhia poderia ajudá-la, ao seu modo, a viver...”*<sup>45</sup>.

Um outro caso de dispensa é mais severo. Vicente decide *“e isto desde amanhã, pela manhã, a fim de que não tenha ocasião de fazer intrigas como as outras...acreditais que ela deu uma bofetada na Jacqueline...o que é pior ainda, ela advertiu o pregador da Quaresma sobre algumas faltas das Damas...”*<sup>46</sup>. *“Jeanne, mandai-a embora e dizei-lhe que é por ter batido em sua companheira... o escândalo seria muito grande se dissessem que as Filhas da Caridade se disputam como cachorro e gato”* acrescenta Padre Vicente<sup>47</sup>.

Algumas palavras, sem data, do Padre Vicente à Mademoiselle para consolá-la e conservar a tranquilidade de sua alma *“Pareceis-me na miséria do coração. Vós temeis que*

*Deus esteja aborrecido e que não zele pelo serviço que Lhe prestais... visto que concordais neste ponto, mandarei buscar esta grande Joana ou se sabeis onde ela está, enviarei-a a mim, por bondade"... terminando, ele acrescenta: "em nome de Deus, Mademoiselle, amai vossa indigência e ficai tranquila. É a honra das honras que podeis prestar gratuitamente a Nosso Senhor, que é a própria tranquilidade"*<sup>48</sup>.

Os dois fatos citados são acontecimentos extremos: os anos de 1637 e os seguintes, tiveram ainda, que resolver estas dificuldades para serem fiéis às determinações de Luísa no seu programa de formação. Padre Vicente dá sua assistência, estuda o assunto, propõe ou exige a solução: "*penso que é bom agir sobre este assunto com mansidão, mais com firmeza e eficácia*"<sup>49</sup>.

Em uma carta, ele é categórico: "*Se Barbara deseja entrar em religião, encaminhá-la pouco a pouco, por bondade, logo ela se cansará desta ou a religião dela. E quanto a esta outra jovem do Hospital Geral, é melhor despachá-la o mais cedo possível sem tardar; quanto mais esperais, a saída fará mais barulho... sabeis muito bem o que é isso*"<sup>50</sup>.

## **LUISA DE MARILLAC COM AS IRMÃS EM FORMAÇÃO**

*"Vós não vos formastes sozinhas, minhas Irmãs, foi ela quem vos formou e gerou em Nosso Senhor"*! Estas linhas foram escritas por Margarida Chétif em uma compilação conservada nos Arquivos da Companhia.

"O Senhor escolheu as meninas das aldeias"<sup>51</sup>. Ele lhes disse: "Vinde..., trabalhai..., rezai....".

"**Vinde**"... apresentando o primeiro regulamento estabelecido por Luísa de Marillac, Padre Vicente se dirigia às 12 Irmãs reunidas "*fostes reunidas para viverem um desígnio comum, que vós honreis sua vida humana sobre a terra*". E para cada uma em particular, ele acrescenta: "*Deus me escolheu para prestar-lhe um grande serviço. Deus a quis*"<sup>52</sup>.

"**Trabalhai**"... Padre Vicente destaca "*disse o Senhor: ganharás o teu pão com o suor do teu rosto,...trabalharás não somente com a indústria do teu espírito, mas também com as tuas mãos, os teus braços e todo o teu corpo, e trabalharás com tanta atividade que o suor correrá da tua fonte...A Filha da Caridade que vai de manhã e à tarde, quer faça calor ou frio, carregada com a panela, e isto não para ela, mas para levar o alimento a esse pobre que não pode ir procurá-lo e desfaleceria de miséria se ela lho não levasse, oh! Essa, minhas Irmãs, satisfaz a este mandamento*"<sup>53</sup>.

"**Rezai**"... "*Começai sempre todas as vossas orações pela presença de Deus, porque algumas vezes, por falta disto, poderá uma ação deixar de Lhe ser agradável... a fé nos ensina Sua santa presença em toda parte... sede cuidadosas em dar conta da vossa meditação... e sobretudo guardai bem as resoluções que tiverdes tomado... todas as nossas resoluções nada são sem a graça. Por isso, é preciso pedir a Deus que nos fortifique e trabalhar corajosamente*"<sup>54</sup>.

Pela primeira vez, no mês de novembro de 1633, sem claustro, sem nada que o fizesse falar das religiosas, pois Padre Vicente queria que suas filhas tivessem "*por mosteiro, a casa dos doentes, por cela, um quarto de aluguel, por capela, a Igreja da Paróquia, por claustro, as ruas da cidade ou as salas dos hospitais, por clausura a obediência, por grade o temor de*

*Deus e por véu a santa modéstia*”<sup>55</sup>, para estarem aptas a servir bem. Um eixo essencial se afirma desde o início, sendo para ela uma ação profunda na formação das Irmãs: **é preciso deixar o Espírito Santo agir** para alcançar este alto grau de desprendimento, de caridade cordial e de obediência disponível, sem deixar tempo livre para a vontade própria.

Luísa tinha um cuidado particular na formação das jovens, dedicando-se pessoalmente em ensinar-lhes a ler, a orientá-las no serviço dos pobres, a instruir-lhes nos mistérios da fé e nos exercícios de oração. De acordo com Gobillon, primeiro biógrafo de Luísa de Marillac, ela lhes fazia, regularmente, conferências “públicas” todas as semanas para instruí-las no amor e no fervor da vocação. Ainda que tentasse falar-lhes de modo simples, ela não podia deixar de expressar-se de uma maneira firme e elevada, sempre com um entusiasmo que as penetrava. Aprender a viver juntas era uma necessidade para dispor os corações a receber o ensinamento pois, em geral, pouco formadas nos exercícios da vida espiritual, pouco habituadas ao trabalho interior da virtude, o resultado nem sempre estava de acordo com os esforços exigidos.

Durante seis anos, Luísa ficou só com todos os seus problemas da vida material: habitação, receber as jovens, estudar os pedidos, providenciar as solicitações do exterior, organizar a vida em casa. No entanto, Padre Vicente não a abandonou. A correspondência testemunha isto. Os pequenos pós-escritos no final das cartas justificam sua ausência “perdoe-me se sou breve, estou muito apressado”<sup>56</sup>. De vez enquanto, escapava-lhe um pequeno desejo, como este: “*Meu Deus! Como desejo que vossas filhas exercitem-se a aprender a ler, e que saibam bem o catecismo que vós ensinai*”<sup>57</sup>. Ou ainda “*Deus quer que eu não me arrependa do que digo às jovens*”<sup>58</sup>!

Os pós-escritos de Padre Vicente no final das longas cartas, justificam o interesse e o cuidado pela formação das jovens fora e dentro: “*Ontem vi suas filhas do Hospital Geral, estão bem! Se tiverdes necessidade do meu serviço, deixarei tudo, mas espero que vós passareis sem isto*”<sup>59</sup>.

É à Maturina Guérin, antiga secretária de Luísa de Marillac, escrevendo à Margarida Chétif, em resposta à sua solicitação, que nós devemos estas poucas linhas referentes à Luísa de Marillac sobre o justo discernimento dos espíritos: “... *quando tinha a felicidade de escrever suas cartas, não considerava ainda os belos ensinamentos nelas contidos; mas, hoje, eu admiro com que diversidade ela os transmitia. A umas, ela incutia a observância das regras, à outra o temor, a esta o puro amor de Deus, assim por diante... e visto que estou falando do discurso sobre a caridade, ela dizia que esperava que Deus conservaria a Companhia, enquanto continuasse recebendo jovens tanto **pobres quanto aquelas de modestas e ricas condições...***”<sup>60</sup>

As Irmãs idosas aprendiam e transmitiam às outras: “*ela nos dizia sempre: quereis alcançar à perfeição? Minhas queridas Irmãs, é **preciso trabalhar para morrer a vós mesmas.** Posso apenas escrever e vos deixá-las em letras de ouro*”.

**Após um tempo de formação, tomada do hábito**, de acordo com a ordem que Mademoiselle Le Gras, nossa primeira Superiora, reservou para dar o hábito às jovens Irmãs.

Após ter feito a avaliação com suas Conselheiras e a Irmã encarregada das novatas ou então, com sua Assistente, não havendo ainda Seminário, como as Irmãs que chegaram ao término de 6 meses, tinham se comportado depois de sua entrada na Casa. Ela falava sobre isto com Padre Vicente, caso fosse necessário, mas também, sempre ao Padre Diretor, em

seguida ela dava ordem para dispor do que era necessário para a entrega do hábito no dia planejado.

Mademoiselle, a qual após ter invocado o Espírito Santo fazia-lhes uma exortação ou instrução curta sobre o novo hábito que elas recebiam e das obrigações às quais elas se comprometiam, da qual a fidelidade a Deus na vocação: servir Deus e os pobres toda a sua vida na Companhia.

Numa véspera da festa de Santo André, Mademoiselle fez a conferência sobre o Evangelho do dia que colocava em memória o chamado deste bem-aventurado Apóstolo e de seu irmão Pedro. Dirigindo-se a quatro Irmãs novas, sobre a felicidade de ter a marca das servas de Deus, ela acrescenta: “***Tendes ainda até amanhã para pensar nisto, vêde se é pelo puro amor de Deus***”. No dia seguinte, ela entregou a touca a estas 4 jovens que tinham recebido o hábito a pouco tempo, e falou-lhes com tanto fervor que ela parecia animada totalmente do Espírito de Deus. Ela diz à primeira: “*De todo coração, minha querida Irmã, vós renunciáveis às vaidades do mundo e para todo ornato, tomais esta simples touca, para ter os ouvidos fechados a todos estes discursos e para tê-los abertos às verdades eternas*”. À segunda: “*Minha querida Irmã, peço a Nosso Senhor que no momento em que tomais esta touca branca que vos representa a pureza, ele tire de vosso coração toda vã complacência do mundo e o encha da consideração das coisas celestes e divinas, a fim de que vós **tenhais somente a pureza em vosso coração e para isto, que vossos ouvidos estejam fechados aos discursos do século, para ter-lhes abertos às verdades eternas***”. Mademoiselle coloca a touca nas duas outras dando-lhes as mesmas instruções.

Alguns dias após, duas outras Irmãs recebem o hábito. Depois de ter lembrado algumas obrigações, ela acrescenta: “*Pensai vós, minhas Irmãs, que isto tenha acontecido casualmente, e que este **atraso** tenha sido segundo a disposição das criaturas? Oh não, minhas Irmãs, nada se faz sem uma orientação particular de Deus. Se nós tomarmos todos os acontecimentos que ocorrem de sua parte, não cometeríamos tantas faltas que faríamos quando nos ocorre algum descontentamento, mas porque olhamos somente a conduta das criaturas e não a do Criador. Há sofrimento, mas um pouco de coragem, minhas queridas Irmãs...*”<sup>61</sup>

Concluindo este período de formação vislumbrado na Luz de Pentecostes, realizada pelos dois fundadores conforme combinado, não obstante as dificuldades de saúde, de recrutamento, de lugar, de comportamento das jovens, Luísa de Marillac pede ao Padre Vicente a permissão para ir à Chartres “*para o bem de nossa pequena Companhia*”. ao retornar, Luísa presta contas ao Padre Vicente: “*... A segunda-feira, dia da Dedicção da Igreja de Chartres, 17 de outubro, empreguei-me em oferecer a Deus os desígnios de sua Providência sobre a Companhia das Filhas da Caridade, oferecendo-lhe a Companhia inteira e pedindo-lhe que fosse destruída antes que subsistisse contra Sua Vontade. Supliquei para ela, por intercessão da Santíssima Virgem, Mãe e guardiã da referida Companhia, a pureza de que necessita, e a caridade entre todas as Irmãs, tendo a Santíssima Virgem como modelo de todas as promessas feitas por Deus aos homens, no Mistério da Encarnação*”<sup>62</sup>.

Depois deste dia, Maria é chamada a Mãe da Companhia

(A seguir)

Irmã Claire HERRMANN  
Filha da Caridade

## Notas

- <sup>1</sup> Da ansiedade à santidade, Mère Poissenet, pág. 3.
- <sup>2</sup> Da ansiedade à santidade, Mère Poissenet, pág. 4.
- <sup>3</sup> Da ansiedade à santidade, Mère Poissenet, pág. 4.
- <sup>4</sup> Gobillon Livro I, 1676.
- <sup>5</sup> Gobillon Livro I, 1676, pág. 8
- <sup>6</sup> Gobillon Livro I, 1676, pág. 9
- <sup>7</sup> Correspondência e escritos – Ir. Elisabeth Charpy E.3 (A. 2) pág. 781.
- <sup>8</sup> Jean-Pierre Camus, Bispo de Belley, p. 80. Edição do Cèdre.
- <sup>9</sup> Escritos espirituais, regulamento de vida no mundo
- <sup>10</sup> As obras de caridade na França no século XVII, pág. 7.
- <sup>11</sup> Camus, autor espiritual, Coste I, 117 – Grande Santo do grande século; Gobillon Livro I, 1676, pág. 15.
- <sup>12</sup> Arquivos da Companhia, carta n°1 ; Abelly, Livro I, pág. 105 ; Coste I, L. 27.
- <sup>13</sup> Correspondências e Escritos E.3 (A.2) pág. 781
- <sup>14</sup> 60ª Carta de Pe. Vicente à Luísa (Arquivos da Companhia); Coste I, L. 122.
- <sup>15</sup> Conferência, pág. 305
- <sup>16</sup> Conferência de 05 de julho de 1640 – Sobre a Vocação de Filha da Caridade, págs. 09 e 10
- <sup>17</sup> Conferência de 05 de julho de 1640 – Sobre a Vocação de Filha da Caridade, págs. 09
- <sup>18</sup> Conferência de 02 de fevereiro de 1653 – Sobre o Espírito da Companhia, pág. 382
- <sup>19</sup> Conferência de 09 de fevereiro de 1653 – Sobre o Espírito da Companhia, pág. 391
- <sup>20</sup> Conferência de 09 de fevereiro de 1653 – Sobre o Espírito da Companhia, pág. 392
- <sup>21</sup> Conferência de 1º de janeiro de 1654, pág. 435
- <sup>22</sup> Conferência de 16 de março de 1659, pág. 856 .
- <sup>23</sup> Conferência de 08 de dezembro de 1658 - Reza do Terço. Ocupação dos Domingos e dias de festa - pág. 854.
- <sup>24</sup> Coste I, p. 278
- <sup>25</sup> Arquivos da Companhia, Escritos textuais; Coste I, L.167.
- <sup>26</sup> Documentos 465: Conselho da Companhia de 22 de março de 1648, pág. 579
- <sup>27</sup> Correspondências e Escritos Espirituais E. 70 ( A 60) pág. 901
- <sup>28</sup> Correspondências e Escritos Espirituais E.70 ( A60) pág. 901
- <sup>29</sup> Escritos Espirituais, p. 959
- <sup>30</sup> Correspondências e Escritos Espirituais C.50 (L.45) e IV, 16 julho de 1640 (Arquivos da Companhia) pág. 68
- <sup>31</sup> Correspondências e Escritos C.30 (L.47) pág. 46
- <sup>32</sup> Correspondências e Escritos C. 34 ( L. 106) pág. 50 - Carta de 29 de agosto de 1640.
- <sup>33</sup> Correspondências e Escritos C.144 (L. 132 ter.) pág. 167
- <sup>34</sup> Correspondências e Escritos C. 149 (L. 138) pág. 172
- <sup>35</sup> Correspondências e Escritos C. 151 (L.140) pág. 174 – Carta de 25 de maio 1646.
- <sup>36</sup> Correspondências e Escritos C.244 (L. 181bis) pág. 283 – Carta de 23 de junho de 1648
- <sup>37</sup> Correspondências e Escritos C. 411 (L.214) pág. 452 – Carta de 1º de julho de 1652.
- <sup>38</sup> Correspondências e Escritos C. 411 (L.214) pág. 452 – Carta de 1º de julho de 1652.
- <sup>39</sup> Correspondências e Escritos C. 250 (L.323) pág. 290.
- <sup>40</sup> Correspondências e Escritos C. 32 (L.103) pág. 48
- <sup>41</sup> Correspondências e Escritos C.454 (L.391) pág. 501.
- <sup>42</sup> Documentos 458, pág. 566
- <sup>43</sup> Correspondências e Escritos C.478 (L.401), pág. 523
- <sup>44</sup> Documentos 281, pág. 303.
- <sup>45</sup> Documentos 411 pág. 451
- <sup>46</sup> Coste I, L. 312
- <sup>47</sup> Coste I, L. 386, p. 458
- <sup>48</sup> Manuscritos (Arquivos da Companhia) Coste I, L. 387
- <sup>49</sup> Manuscritos de Irmã Marie de Geoffre (Arquivos da Companhia) Coste I, L. 279
- <sup>50</sup> Manuscritos de Irmã Marie de Geoffre (Arquivos da Companhia) Coste I, L. 279
- <sup>51</sup> Conferência de 25 de janeiro de 1643 – Imitação das meninas do campo, pág. 52
- <sup>52</sup> Conferência de 31 de julho de 1634
- <sup>53</sup> Conferência de 28 de dezembro de 1649 - sobre o amor ao trabalho, pág. 319 e 320
- <sup>54</sup> Conferência de 31 de julho de 1634
- <sup>55</sup> Conferência de 31 de julho de 1634
- <sup>56</sup> 36ª Carta de 1634, São Vicente à Luísa (Arquivos da Companhia) Coste I, L. 160
- <sup>57</sup> 88ª Carta de 1635, São Vicente à Luísa (Arquivos da Companhia) Coste I, L. 210
- <sup>58</sup> 92ª Carta de 1636, São Vicente à Luísa (Arquivos da Companhia) Coste I, L. 218
- <sup>59</sup> Documentos das Origens da Companhia, p. 946 Coste I, L. 224

<sup>60</sup> Livro de Documentos p. 952 – Documentos A 1068 e 822

<sup>61</sup> Gobillon, volume V de 1886 e pensamentos de Mademoiselle Le Gras

<sup>62</sup> Correspondências e Escritos C.121 (L.111) pág. 143

## ESPECIAL DO 350° ANIVERSÁRIO DE MORTE DOS FUNDADORES

### A experiência eclesial e caritativa de Santa Luísa de Marillac, ontem e hoje.

#### INTRODUÇÃO

Neste Congresso da Família Vicentina, nós temos a oportunidade de refletir sobre Santa Luísa de Marillac e seu papel na Igreja. Seu olhar contemplativo sobre o mistério da Igreja e a realidade social de seu tempo, de uma mulher que tinha o sentido de Igreja, sob a orientação do Espírito Santo. Ela foi além da reflexão e da contemplação para se engajar e continuar a missão de Jesus Cristo. Foi uma teóloga que muito leu as Escrituras, que conhecia os decretos do Concílio de Trento. Ela meditava sobre a Igreja à luz dos mistérios de Pentecostes, ela dizia que a Igreja é conduzida pelo Espírito Santo que a ilumina, fortifica e a aperfeiçoa ao longo dos séculos. Este tema foi estudado pelo Padre Corpus Delgado, cm, em sua tese<sup>1</sup> em 1981.

Refletindo sobre este assunto hoje, eu vou abordar, através da percepção de três olhares de Santa Luísa sobre a Igreja que podem nos esclarecer. As razões desses três olhares chamaram minha atenção, são questões da atualidade:

Atualmente, contesta-se o fato de que a Igreja é Mãe e Mestra dos que crêem em Jesus Cristo, Alguns batizados dizem: Sim a Cristo, e Não a Igreja! Em nossa sociedade, muitas pessoas querem calar a voz da Igreja e de seu Magistério. Neste contexto nós temos necessidades de aprofundar o sentido eclesial de nossos fundadores e hoje, particularmente, o de Santa Luísa.

Temos consciência de viver em uma sociedade extremamente individualista onde se manifesta o egoísmo, a competitividade, a exaltação da pessoa, a violência e a ruptura de relações familiares e sociais. Isto afeta a vida da Igreja e, portanto, os diferentes ramos da Família Vicentina, quebra a unidade, não facilita a comunhão do Corpo Místico de Cristo. Para o Terceiro Milênio, João Paulo II propôs como linha principal, a espiritualidade de comunhão: *“Fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão: eis o grande desafio que nos espera no milênio que começa, se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo”*<sup>2</sup>. Este apelo da Igreja tem uma relação com o que Santa Luísa viveu e ensinou a respeito do Corpo Místico de Jesus Cristo.

A globalização econômica da Sociedade na qual vivemos e as frequentes catástrofes naturais, como o recente terremoto ocorrido no Haiti, geram situações de grande pobreza em

nosso mundo. Elas exigem nossa atenção, como membros de uma Igreja serva dos pobres ; pois é assim que a viam São Vicente e Santa Luísa.

Minha exposição abordará três aspectos: os sentidos eclesial dos fiéis no século XVII, os olhares de Santa Luísa sobre a Igreja, os desafios que se apresentam à Família Vicentina hoje.

## **1- O SENTIDO ECLESIAL DOS FIÉIS NO SÉCULO XVII**

Antes de desenvolver este parágrafo, eu quero esclarecer o que significa, hoje, o “sentido eclesial”. Trata-se da maneira como uma pessoa batizada considera a Igreja : seu mistério, sua natureza, seu valor e seu sentido pela vida cristã, os compromissos que isto implica para o batizado. Santa Luísa refletiu muito sobre isso, ela falava às Filhas da Caridade e às Damas das Confrarias. Seus escritos testemunham o sentido eclesial de sua fé.

- Ela reconhecia que ela havia recebido o dom da fé através da Igreja, Mãe dos crentes.

- Sua fé alimenta-se da graça dos sacramentos, da oração litúrgica da Igreja e da Palavra de Deus. Para ela, é a fé, a esperança e a caridade que mantêm a união do Corpo Místico.

- A fé sem as obras é uma fé morta, Através do seu devotamento repleto de caridade, ela tenta melhorar a situação dos pobres (cf. Pe. Benito Martinez<sup>3</sup>). Fazendo parte da Igreja, Luísa é, como Ela, serva dos pobres.

Os fiéis do século XVII na França, tinham um sentido superficial de Igreja, e a sociedade estava impregnada de religiosidade, bem diferente da nossa que é leiga e secularizada. Enquanto muitas pessoas estavam na ignorância religiosa, Luísa de Marillac havia adquirido e vivia um “sentido de Igreja” pouco comum para a época.

### **1.1. – Na Igreja da Contra-Reforma Católica.**

A **Contra-Reforma** é a resposta da Igreja Católica à reforma protestante iniciada por Martinho Lutero. Ela se espalhou por toda a Europa e deu origem às guerras de religião que durou mais de trinta anos (1618-1648) e enfraqueceu a Igreja. O Concílio de Trento (1545-1563) provocou uma inquietação Católica que começou no Pontificado do Papa Pio IV (em 1560) e se prolongou até o fim da guerra dos Trinta anos (1648). Seu objetivo era de renovar a Igreja e de evitar o avanço das doutrinas protestantes<sup>4</sup>. Depois deste Concílio de Trento, São Vicente e Santa Luísa desenvolveram seu apostolado da caridade, bem como seus ensinamentos e seus conhecimentos sobre a Igreja.

É preciso lembrar que os decretos aprovados no Concílio de Trento tinham aspectos dogmáticos e aspectos disciplinares e que permaneceram em vigor na Igreja até o Concílio Vaticano I. Os temas tratados no Concílio de Trento abordavam quatro linhas de renovação, mais dogmáticas e disciplinares que eclesiológicas: doutrina da fé, reestruturação eclesiástica, renovação da celebração dos sacramentos e sobre o clero. O movimento de renovação espiritual, que teve o seu início a partir deste Concílio, abrange os místicos espanhóis do século XVI e a escola de espiritualidade francesa do século XVII, nas quais baseiam-se a fé e a experiência espiritual de Santa Luísa de Marillac.

Dado que o Concílio de Trento desejava, sobretudo, refutar os erros do protestantismo, o tema sobre a eclesiológico era secundário<sup>5</sup>. Na vida da Igreja jamais um Concílio havia elaborado um conjunto tão completo de definições doutrinárias, de regras pastorais ou disciplinares, afirma René Taveneaux<sup>6</sup>. No Concílio de Trento, afirmou-se concretamente que a Igreja é uma sociedade organizada e hierarquizada. Esta ideia foi claramente expressa e documentada no pedido de aprovação e de confirmação dos decretos, que os Padres Conciliares dirigiram ao Papa durante a última sessão, para validar os cânones aprovados<sup>7</sup>.

O Concílio de Trento reafirmou a doutrina tradicional concernente à Igreja e determinou claramente o conteúdo da fé católica<sup>10</sup>. As mais importantes conclusões deste Concílio, que teve uma influência sobre a vida e sentido de Igreja de Santa Luísa são os seguintes:

- As fontes da fé são: a Palavra de Deus e a **Tradição** da Igreja. Luísa lia-os e meditava-os todos os dias em sua casa. Mais tarde, ela o fará também com as Damas das Confrarias e as Filhas da Caridade.

- **A Palavra de Deus** deve ser **interpretada pela Igreja** e não de maneira livre, como preconizava Lutero, como o preconizava Luther, negando o Magistério da Igreja. Por isso, Luísa consulta Vicente sobre os livros de meditações que tratam da Palavra de Deus, ela tem o cuidado para que eles sejam sempre aprovados pela Igreja.

- Para consolidar a fé dos crentes, **o catecismo** deve ser dado em casa, nas paróquias e nas escolas. Luísa colabora com esta renovação da catequese, escrevendo um catecismo muito simples sobre as verdades da fé, adaptando-o às crianças de ensino elementar.

- **A fé e as obras** são necessárias. Luísa insiste sobre a prática da caridade, colabora com o bom andamento das Confrarias nas Paróquias de Paris, e da renovação destas nos campos.

- **O Sacramento do Batismo** é a porta de entrada na Igreja. Luísa medita frequentemente sobre a grandeza do Batismo e escreve suas meditações a fim de ajudar as Filhas da Caridade.

- O pão e o vinho consagrados **são o Corpo e o Sangue de Cristo**, esta verdade é reafirmada contra Lutero que dizia que era somente uma representação. As meditações de Luísa sobre a Eucaristia sublinham o quanto ela assumiu em profundidade a fé da Igreja neste sacramento.

- Deve-se prestar um **culto à Santíssima Virgem** e aos santos. A devoção marial de Luísa era tão profunda que, no seu testamento espiritual, ela declara que Maria é nossa única Mãe. Quanto aos santos, ela convida à olhá-los como exemplos de vida cristã e de intercessores<sup>9</sup>.

Através do seu sentido profundo de Igreja, faz uso dos frutos da renovação espiritual e eclesial do Concílio de Trento.

## **1.2. – O Sentido Eclesial das Dominicanas.**

---

Luísa viveu com as Dominicanas de Poissy até a idade de treze anos; estes anos marcaram profundamente sua vida cristã. Eu acredito que seu senso de Igreja assim tão forte, proveio deste primeiro momento de sua vida, como o disse o Padre Corpus Delgado em seu livro: *“Luísa de Marillac e a Igreja”*<sup>10</sup>.

Não existem pesquisas sobre o sentido e a experiência da Igreja dos Dominicanos de Poissy, mas nós sabemos que São Domingos estava impregnado da grandeza da Igreja<sup>11</sup>, ele que fundou a Ordem dos Irmãos Pregadores que terá uma grande importância na Igreja. O historiador J. Alvares Gomes afirma que antes de fundar os Dominicanos e os religiosos dominicanos, ele fez duas grandes descobertas:

- A Igreja universal afetada pelas heresias dos Cátaros e Albigenses;
- A vida apostólica que o fez assumir as grandes preocupações da Santa Sé sobre a santidade da Igreja, bem como, de sua natureza apostólica.

Com muita coragem e prudência, São Domingos tinha mostrado aos prelados do Papa que tinha por objetivo converter os cátaros que deviam fazê-lo vivendo a pobreza e a simplicidade, sem ostentação<sup>12</sup>, com a arma única do Evangelho. Ele trabalhou muito na sua família religiosa para lhe comunicar um profundo sentido de Igreja baseado no conhecimento da fé, dos sacramentos e de uma doutrina sólida retirados do Catecismo da Igreja. Desta maneira, os Dominicanos poderiam confrontar os heréticos e sua pregação hábil contra a hierarquia da Igreja e dos Sacramentos. Tal era a herança dominicana que Luísa respirava no Mosteiro de Poissy durante sua formação.

### **1. 3.- O sentido eclesial da grande corrente espiritual francesa do século XVII.**

No século XVI, a Espanha se gloriava de ter suscitado Santo Inácio de Loyola, Santa Tereza D'Ávila, São João da Cruz, o século XVII francês é chamado de “o grande século das almas” com Pedro de Bérulle, São Francisco de Sales, São Vicente de Paulo, Jean-Jacques Olier, São João Eudes... Santa Joana de Chantal, Santa Luísa de Marillac. Para a Igreja, foi um período de uma renovação surpreendente. Durante este período, *“a Itália cristã que tanto tropas forneceu para a reforma católica, marca um tempo de pausa. A Alemanha não está fora dos rudes confrontos (entre) católicos e protestantes... Na Inglaterra, a Igreja “papista” está ocupada demais para lutar contra a heresia e o sisma, para fazer outra coisa que estes combates confusos. A Espanha, de acordo com Daniel Rops, cujos reis ostensivos e indolentes não se ocupavam mais com as guerras em defesa de sua fé, do que em fortalecer seu trono, não havia mais Inácio, nem Tereza, nem João da Cruz; ela não tinha mais que teólogos”*.<sup>13</sup>

No entanto, as grandes correntes espirituais da Itália e da Espanha contribuíram para o esplendor espiritual francês. As Sociedades de Vida Apostólica, que se enraizaram e se aprofundaram no território francês, vieram da Itália. A Espanha oferece uma dupla corrente espiritual que compreende de um lado os *“Exercícios espirituais”* de Santo Inácio de Loyola, sendo por sua vez a parte mais ascético, e de outra lado a parte mística representada pelo “Castelo interior de Santa Tereza d'Avila. Bremond considerou esta presença espiritual espanhola na França como uma verdadeira “invasão mística”. Lanson escreveu ainda: “A Espanha nos inunda com sua devoção”. Mas, esta não é uma invasão mística que colonizou, sem mais, a espiritualidade da França, pois as forças espirituais do país modificaram, de alguma maneira, as correntes espirituais exteriores.<sup>14</sup>

A espiritualidade do grande século francês apresenta portanto uma série de características diferentes em relação às das origens.

- **Variedade e originalidade** fruto da influência das forças espirituais do país que acolhe sobre as forças espirituais que vem dos outros países. Na França, estas forças espirituais, entre as quais, figuram São Vicente e Santa Luísa conseguiram modificar o rosto da Igreja.

- **O humanismo devoto de São Francisco de Sales** tornou-se um verdadeiro movimento cristão centrado em Jesus Cristo, fundador e chefe da Igreja<sup>15</sup>.

- **O ascetismo**, proposto pelo Concílio de Trento para vencer inclinações do mal inerentes à natureza humana, sublinha a capacidade de fazer o bem sob a condução do Espírito Santo, único motor da vida espiritual, como vemos no testemunho de vida de Santa Luísa de Marillac<sup>16</sup>.

Em seu livro “Luísa de Marillac por ela mesma”, Jean Calvet afirma: “*Gostaria de destacar sua grandeza. Ela é uma das mais puras e celebres das mulheres francesas*”<sup>17</sup>.

## **2 - O SENTIDO ECLESIAL VIVIDO POR VICENTE DE PAULO E TRASMITIDO À LUISA DE MARILLAC.**

Quando Luísa de Marillac recebeu Vicente de Paulo como Diretor Espiritual, ele já era um homem da Igreja, um homem apostólico. Ele empregava todo o seu tempo para organizar a Missão e a Caridade. Desde 1617, ele havia fundado 20 Confrarias da Caridade nas vilas e nas terras dos Gondi, ele estava prestes a fundar a Congregação da Missão. Ela era viúva, estava com 34 anos, e estava já bastante marcada pelo sofrimento. Desde 1625, Luísa está sob a direção de São Vicente que a acolhe com respeito e amizade. Sem a forçar, ele a dirige e lhe faz descobrir a Vontade de Deus sobre ela. Os dois seguem os passos da Providência.

A causa dos pobres é querida ao seu coração<sup>18</sup>, Vicente dedicou-se completamente à este trabalho, enquanto que Luísa de Marillac era mais atraída pelo desejo de se santificar. Ele lhe fez descobrir e perceber a Igreja como a serva dos pobres.

Vicente convence Luísa que a Igreja está encarregada de continuar a missão de Cristo Servo e Evangelizador dos Pobres. “*Fazer o que o Filho de Deus fez sobre a terra*”. Com a doçura e a paciência que ele havia aprendido de Jesus Cristo e de São Francisco de Sales, ele a fez compreender que “*Deus é amor e quer que a Ele se vá por amor*”<sup>19</sup>. Esta foi sua primeira recomendação. A medida que os anos passam, Luísa vai interiorizar o sentido eclesial de seu diretor. É assim, que pouco há pouco, ela se impregna do amor dos pobres, presença do Cristo humilhado, que ela serve com amor e devoção. A força do Espírito que a sustente, é a força que alimenta e vivifica sua missão de caridade na Igreja<sup>20</sup>.

## **3 - O SENTIDO ECLESIAL DE LUÍSA DE MARILLAC**

A percepção de Igreja que Luísa recebeu em sua infância e juventude, ficou nela impressa. Pode-se perceber isso em seu Regulamento de vida, que ela elabora no início de sua viuvez. Lendo este Regulamento, nós podemos encontrar uma mulher cheia de piedade que quer curar sua via interior e participar da missão apostólica da Igreja: “*Eu tentarei não ser mais ociosa, isto porque...eu vou começar a trabalhar, trabalhando com alegria, seja pela Igreja, seja pelos Pobres, seja em favor da família*”<sup>21</sup>. Este compromisso nos diz que a Igreja

ocupa um espaço em sua vida, que ela lhe consagra seu tempo e seu trabalho. Seu sentido de Igreja se manifesta muito concretamente através do serviço em favor dos pobres. Depois de 1625, esta experiência eclesial vai crescer sob a influência de Vicente.

No final do seu Regulamento, pode-se notar uma outra referência importante para a Igreja: *“Jejuarei todas as sextas-feiras do ano, no Advento e Quaresma, todas as vésperas das festas de Nosso Senhor, da Santíssima Virgem, dos Apóstolos e nos demais dias de jejum prescritos pela Igreja. Nos dias que não são de jejum, farei somente duas refeições, a não ser que tenha necessidade de agir de outro modo ou que a isso me obrigue a condescendência para com o próximo. Desejaria fazer oito a dez dias de Retiro, duas vezes ao ano, isto é, nos dias entre a Ascensão e Pentecostes, para honrar a graça que Deus fez à sua Igreja, dando-lhe o Espírito Santo para conduzi-la e a escolha dos Apóstolos para anunciar seu Santo Evangelho, e para levá-lo à prática, porei particular atenção em ouvi-lo e terei devoção à Lei de Deus que são seus mandamentos. Os outros dias de Retiro serão no Advento”*<sup>22</sup>.

Luísa de Marillac jamais escreveu um tratado sobre a Igreja, mas sua experiência espiritual, seu ensinamento e seu apostolado estão profundamente impregnados de seu sentido de Igreja.

### **A Igreja “Mãe dos crentes”.**

Durante o retiro de 1657, Luísa contempla a Igreja como a Mãe dos crentes. Ela evoca a vinda do Espírito Santo, no dia de Pentecostes. Ele fez da Igreja, a Mãe dos cristãos, quando lhe concedeu: *“as verdades que o Verbo Encarnado lhe havia ensinado”*. O Santo Espírito age no coração dos crentes *“operando neles, a santidade de vida pelos méritos do Verbo Encarnado”*<sup>23</sup>.

Luísa refletiu muito, sua vida interior é rica, seu espírito bem organizado. Em sua oração sobre a Igreja, Mãe dos cristãos, ela sonha com engajamentos concretos que a conduziram a ser e a se sentir verdadeiramente comprometida de continuar a missão de Jesus Cristo em sua Igreja: *“Parece-me ser isso que Nosso Senhor queria dizer aos Apóstolos, lhes anunciava que depois da vinda do Espírito Santo, também dariam testemunho d’Ele. E é isto que devem fazer todas as criaturas: não mais dar testemunho sobre a doutrina, coisa que compete somente aos homens apostólicos, mas, dá-lo por suas ações perfeitas de verdadeiros cristãos. Que felizes são as pessoas que, por disposição da Divina Providência têm o dever de continuar, em todas as práticas mais simples de sua vida, o exercício da caridade”*<sup>24</sup>.

Testemunhar Jesus Cristo, continuar sua missão através da caridade, viver e morrer na fé de Jesus Cristo, viver e se comportar como filha da Igreja, estes são os compromissos que expressam sua maneira de ser filha da Igreja. Luísa de Marillac não escreveu suas resoluções como se elas fossem o fruto de um fervor sentimental, ela o faz com a determinação de engajá-las em sua via para dar um pouco de “paraíso” aos pobres. Sob a condução do Espírito Santo, ela quer que suas resoluções se transformem em atos concretos. Como Vicente, ela pode afirmar: *“Tal é minha fé, tal é a minha experiência”*<sup>25</sup>.

Na experiência de fidelidade à Igreja, ela a expressa através de sua maneira de ler e de meditar a Escritura Santa; de celebrar a Liturgia, sobretudo de participar da Missa, sua maneira de fazer oração e de respeitar o Magistério da Igreja com atenção e devoção. Seu sentido de Igreja não para na dimensão pessoal. Visitando as Conferências da Caridade, ela assumia o papel de catequista, de professora e de formadora das professoras das escolas paroquiais. Ela ensina também às mulheres os princípios fundamentais da fé. Ela as

acompanha, as orienta, lhes dá conselhos e lhes encaminha para a caridade voltada para os pobres. Estas damas tornavam-se catequistas.

Como fundadora, em seu trabalho de conselheira e de acompanhamento espiritual das mulheres leigas e das Irmãs, ela cultivava o sentido de Igreja<sup>26</sup>, suas cartas destacam este aspecto. Ela dirige os retiros espirituais e dar testemunho constante de sua fé em seus ensinamentos, suas visitas, nas reuniões com as Damas da Caridade, suas exposições e sua correspondência. Às Filhas da Caridade, ela diz que eles devem ser duplamente filhas da Igreja, como cristãs e como Filhas da Caridade. Para ela, a Companhia era uma realidade nova para a vida da Igreja. É o Espírito Santo que suscita na Igreja esta Sociedade de Vida Apostólica para que os pobres possam conhecer o amor de Deus para com eles e tornar visível a caridade da Igreja. *“Temos duplamente a ventura de ser filhas da Santa Igreja? E, sendo assim, não teremos também um novo dever de viver e agir como filhas de tal Mãe?”*<sup>27</sup>.

Este pensamento e esta percepção da Igreja a impulsionaram à escrever seu pequeno catecismo para o uso das Filhas da Caridade e das professoras leigas das escolas paroquiais. Ela ensina que para viver e agir como Filhas da Igreja, é necessário aceitar a autoridade de seus representantes: o Papa, os Bispos, o Pároco, em cada paróquia e, eles devem compreender a vocação específica da Companhia, é necessário lhes explicar sua identidade e sua finalidade. Mas, em caso de conflitos com eles, de situações pouco comuns à mensagem evangélica, ela aceita que as Irmãs apresentem suas objeções e suas dificuldades de obedecer ao Pároco. É, por exemplo, o que acontece com o Cura de Chars ou o Bispo de Nantes.<sup>28</sup>

### **A Igreja “Corpo místico de Cristo”**

O Cardeal Ratzinger, na primeira edição de seu livro (em 1991): *“A Igreja: uma comunidade sempre a caminho”*<sup>29</sup> desenvolve amplamente a origem deste conceito sobre a Igreja. Em seu estudo e em sua reflexão, ele parte da afirmação da Carta de São Paulo aos Romanos (Rm. 12, 3-6), foi daí que Santa Luísa extraiu a Imagem da Igreja “Corpo Místico de Cristo”. Esta maneira de expressar a experiência de unidade e de comunhão da Igreja primitiva: *“vejam como eles se amam”*. Paulo pensava muito sobre a comunhão no seio da Igreja nascente de Corintos. Havia os conflitos, as divisões e os líderes que se afrontavam. Alguns se declaravam discípulos de Paulo, outros de Apolo, eles se vangloriavam e semeavam um espírito de competitividade por causa dos carismas recebidos...Então, o Apóstolo, lembra-lhes a imagem do Corpo de Cristo aplicando à esta Comunidade. (cf. 1Cor. 12, 16...)

A Companhia das Filhas da Caridade passou também por provações, crises, pequenas rivalidades, e conflitos que ameaçaram de quebrar a união fraterna. Luísa refletia, e pedia ao Espírito Santo para lhe esclarecer e escreve: *“esta vinda do Espírito Consolador que o Pai enviará... infundirá no corpo místico união de vossas produções, dando-lhe o poder de operar as maravilhas...Operáveis, nos membros deste corpo místico, santidade de vida pelos méritos do Verbo Encarnado e o Espírito Santo”*<sup>30</sup>. Luísa afirma claramente que a Companhia das Filhas da Caridade é uma parte do Corpo místico de Cristo, que o Espírito Santo age nela, produzindo a união entre seus membros, a santidade de sua vida, a força para ser testemunhas corajosas de Cristo junto aos pobres, servindo de maneira desinteressada os membros preferidos do Corpo de Cristo.

Toda a obra de Luísa de Marillac destaca o papel dos pobres na Igreja. Deus os considera como membros do seu Corpo. Com a ajuda de Vicente, Luísa trabalha incansavelmente na formação das Damas e das jovens das Confrarias fundadas por Vicente.

*“Devemos respeitar e honrar a todos: os pobres, porque eles são membros de Jesus Cristo e nossos mestres ; e aos ricos para que eles nos proporcionem os meios para fazer o bem aos pobres”<sup>31</sup>.*

Esta convicção leva ao compromisso de se deixar guiar pelo Espírito Santo para testemunhar Jesus Cristo através da caridade<sup>32</sup>. Tal convicção coloca assim, em evidência, o papel da mulher na Igreja. *“É certeza manifesta que, neste século, a Divina Providência quis servir-se das mulheres para socorrer os pobres arruinados e outorgar-lhes poderosa ajuda à sua salvação”<sup>33</sup>.*

Esta nota refere-se às Damas da Caridade com as quais Luísa partilhou os trabalhos e as preocupações. Mas, ela é válida ainda para as Filhas da Caridade. A vida das Conferências e das Filhas da Caridade mostra que Luísa fez confiança nas mulheres. Luísa com Vicente reúnem homens, mulheres, Padres, Irmãs, os leigos para servir e evangelizar os pobres, os membros preferidos de Jesus Cristo. A imensidade de trabalhos a realizar, obrigam todas as forças vivas da Igreja à trabalharem juntas, a colaborarem para obter um resultado concreto. Nos momentos difíceis, quando Luísa percebe o cansaço das Irmãs, ela lembra-lhes que é o Corpo Místico de Cristo que está se enfraquecendo e que seus membros mais fragilizados estão sofrendo: *“Onde estão a doçura e a caridade que deveríeis ciosamente conservar para com nossos queridos amos, os pobres...? Se nos afastamos, por pouco que seja, da lembrança de que são eles membros de Jesus Cristo, isso nos levaria, infalivelmente, a que diminuam em nós, essas belas virtudes”<sup>34</sup>.*

Para Luísa, a Igreja não pode existir sem o Espírito Santo. Ela quer que cada Filha da Caridade, cada membro das Conferências da Caridade se comporte como filhos da Igreja, obediente ao seu Magistério. No entanto, se um Pároco ou um Bispo sugerir ou ordenar coisas que não estão em conformidade com o Evangelho, ela manifesta corajosamente o seu desacordo (por exemplo a com o Cura de Chars, impregnado pela doutrina Jansenista)<sup>35</sup>.

Sua adesão à Igreja exprime-se na sua veneração ao Papa, representante de Cristo e cabeça da Igreja. Nós podemos ver em uma carta ao Padre Antonio Portail, que se encontrava em Roma : *“Tenho sentido consolo em pensar que estais à nascente da Santa Igreja, junto a seu Chefe visível, o Santo Padre de todos os cristãos, aonde tantas vezes, desejei ir para receber, como filha, embora indigna, sua santa bênção”<sup>36</sup>*; Antes de sua morte, ela fez o possível para que a Companhia das Filhas da Caridade fosse aprovada pela Igreja. Mas, isso só vai acontecer oito anos após a sua morte<sup>37</sup>. O Papa João XXIII, por ocasião da celebração dos 300 anos da morte de Santa Luísa, reconheceu esta adesão de Santa Luísa à Igreja e sua devoção ao serviço da Caridade, proclamando-a Patrona de todas as associações de caridade e das obras sociais na Igreja de Deus<sup>38</sup>.

### **A Igreja “Serva dos pobres”**

Desde as origens do cristianismo, a Igreja é serva dos pobres, Esta característica da Igreja é notável nos quatro primeiros séculos. Os Padres da Igreja o destacam veemente, particularmente a homilia de São Basílio de Cesaréia no tempo da fome. Depois do século IV, esta perspectiva da Igreja perde a sua importância até os tempos modernos. Através de sua fé diligente, São Vicente contribuiu para restituir toda a importância deste objetivo na Igreja. Atualmente, o Papa Bento XVI afirma que a Igreja é serva (*Deus caritas est*, nº 28)

Em sua meditação, Luísa está persuadida que trabalhar no serviço dos pobres, em favor da sua promoção humana e espiritual, é colocar em prática o Evangelho, é testemunhar

o Cristo ressuscitado. Suas obras testemunham as suas convicções: as Escolas da Caridade, o serviço dos doentes à domicílio, os cuidados com os doentes nos Hospitais, a atenção e organização da obra das crianças abandonadas, o serviço dos galerianos, o cuidado com os doentes mentais, as pessoas idosas no Abrigo do Santo Nome de Jesus, a formação das Damas e das Filhas da Caridade, etc. Ela insistia também, com frequência, junto às Irmãs, sobre sua condição de Servas: *“A lembrança de vossa condição de serva dos pobres é muito necessária às Filhas da Caridade para as manterem fiéis a seu dever”*<sup>39</sup>.

Jean Calvet a chamou de “Santa do Espírito Santo”, ele afirma que ela se deixou conduzir pelo Espírito Santo como os primeiros cristãos, o que facilitou o crescimento e a expansão da Igreja, serva dos pobres. Na minha concepção, a biografia escrita pelo Padre Benito Martinez Betanzos: *“Um paraíso para os pobres à todo custo”* contém o melhor relato de sua experiência eclesial, ela apresenta o comportamento de Luísa como membro da Igreja, serva dos pobres. Próximo ao fim de sua vida, quando Luísa reflete sobre seu trabalho na Igreja, ela escreve: *“Pode-se objetar que uma das principais funções do estabelecimento da Confraria e da Companhia das Filhas da Caridade é o serviço espiritual dos pobres; estamos todas persuadidas dessa verdade. Glória a Deus, por isso!...”* ela enumera em seguida, de forma breve, as obras e o bem realizado pelas Irmãs e acrescenta: *“tudo isso, porém, se fez em silêncio... tudo foi feito segundo o exemplo e ordens do primeiro Instituidor da Companhia, Jesus Cristo, como servos seus”*<sup>40</sup>. Da mesma maneira que a Igreja fundada por Jesus Cristo é serva dos pobres, os membros das Conferências e da Companhia são, também, os servos dos pobres.

#### **4- Os DESAFIOS QUE SE APRESENTAM À FAMÍLIA VICENTINA, HOJE**

A experiência eclesial de Luísa de Marillac pode nos ajudar à responder aos desafios do nosso tempo. De suas reflexões as mais profundas concernentes à Igreja datam de seu retiro espiritual de 1657, ou seja, três anos antes de sua morte...

**1 – Para responder aos desafios do secularismo** crescente de nossa sociedade, Luísa ensina à Família Vicentina a fortificar sua fé, a se formar e dar um testemunho corajoso e concreto.

Outrora, havia uma grande ignorância religiosa, e o mesmo acontece nos dias de hoje. O relativismo moral se espalha por toda parte. São Vicente e Santa Luísa conheceram batizados que renegaram e traíram sua fé, nós também... Luísa nos convida a nos formar como catequistas. Este é um dos nossos desafios. A família Vicentina está diante de uma tarefa urgente: dar a catequese, formar as crianças, os jovens, os adultos e as pessoas idosas. Assim, contribuiremos para que a Igreja, Mãe dos crentes, continue a ser Mãe e Mestre.

Como Luísa fez com o Cura de Chars ou com a Duquesa de Liancourt, tocados pelo Jansenismo, a Família Vicentina é chamada também a defender a Igreja com coragem e firmeza.

**2 - Para responder os desafios do individualismo de nossa sociedade,** Luísa nos convida a fortalecer a comunhão entre todos os membros da Família Vicentina para participar da construção da Igreja, Corpo Místico de Cristo.

Após o Concílio Vaticano II, as Damas da Caridade mudaram seu nome, elas chamam-se: “Associação Internacional das Caridades” tendo como divisa *“Contra a pobreza, agir juntas”*. Este apelo de agir juntas exige uma resposta permanente. Como João Paulo II nos

recordou em seu programa pastoral para o terceiro milênio, somos chamados a viver unidos em uma espiritualidade de comunhão. (cf. Jo. 17, 21).

A Família Vicentina é chamada a conhecer e a combater as causas da pobreza, à agir por respeito à vida ; a realizar projetos de formação no carisma ; a rezar ao Espírito Santo como Luísa de Marillac, à organizar e realizar projetos de ajuda aos mais pobres.

**3 - Para responder aos desafios da crise econômica, das catástrofes do Haiti, do Chile e de outros países, Luísa nos chama à tomar o partido dos pobres.**

Ela organizou redes de caridade evangélica que continuam à existir em todo o mundo. Próximo ao fim de sua vida, ela estava feliz por ver os socorros e os serviços prestados aos pobres, às crianças da catequese. Mas, o que a encheu ainda mais de alegria, foi saber que muitas pessoas haviam encontrado a fé e que eles foram salvos para Deus, graças às missões realizadas pelos Missionários, graças à caridade das Damas das Confrarias e aos serviços prestados através das Irmãs.

Nosso mundo gera continuamente novas pobreza. Poucas pessoas lêem os Evangelhos e frequentam a Igreja, mas crêem num Deus que toca os corações para servir os pobres. Nós vimos o que aconteceu após o terremoto do Haiti. Com Luísa de Marillac, peço a Deus que este Congresso seja um trampolim que estimule na Família Vicentina uma melhor união de forças a fim de serem verdadeiros servidores de todos os pobres. A Igreja é e deve continuar a ser a serva dos pobres. Nós, Vicentinos, nós devemos nos comprometer de maneira mais radical e mais solidária.

\* Cultivar a força do carisma através de nossa oração, para nos identificar em Jesus Cristo servo e evangelizador dos pobres, continuar a sua missão.

\* Socorrer em união, as necessidades dos pobres;

\* Chamar outras pessoas para se engajarem em projetos criativos para os pobres;

\* Trabalhar em rede para uma mudança sistêmica;

\* Continuar a formação para sermos fiéis ao carisma e adquirir as competências necessárias.

\* Cultivar uma relação de comunhão entre os membros dos diferentes ramos, fazendo de cada grupo uma escola de comunhão.

Irmã Maria Ángeles Infante  
*Filha da Caridade*

Notas

<sup>1</sup> Delgado Rubio, Corpus Juan: Luísa de Marillac e a Igreja, Ed. CEME, Salamanca 1981.

<sup>2</sup> João Paulo II, Novo Millennio Ineunte, n° 43

<sup>3</sup> Benito Martinez Betanzos: La Señorita Le Gras e Santa Luísa de Marillac. Editorial CEME. Salamanca 1991

<sup>4</sup> Daniel Rops: "História da Igreja" tomo VII: a reforma católica. Livraria Arthème Fayard & Editions Bernard Grasset, 1962-1965

<sup>5</sup> G. Alberigo, A Eclesiologia do Concílio de Trento, p. 232-233.

- <sup>6</sup> Cf. René Taveneaux O Catolicismo na França clássica, 1610-1715, S.E.D.E.S., Paris, 1980.
- <sup>7</sup> Ibidem, prólogo.
- <sup>8</sup> Cf. Alvarez Gómez, Jesús: Manual de Historia da Igreja, Cap. XLII e XLIII sobre a Reforma da Igreja pós-tridentina. Ed. Claretiana, Buenos Aires. 1979
- <sup>9</sup> Cf. JEDIN, H., Historia do Concilio de Trento. IV vol. E. Pamplona 1972
- <sup>10</sup> DELGADO RUBIO, Corpus Juan. Luísa de Marillac e a Igreja. o.c., p. 55
- <sup>11</sup> Cf. CARRO, V. D: Domingo de Guzmán, Historia documentada. Madrid 1973; Galmes, L. e Gómez V. T.: Santo Domingo de Guzmán. Fontes para seu conhecimento. BAC. Madrid 1987.
- <sup>12</sup> ÁLVAREZ GÓMEZ, Jesús: Historia da vida religiosa, 3 volumes. Ed. Claretiana, Madrid 1998; Tomo II, p. 338-339.
- <sup>13</sup> Daniel Rops “A Igreja dos tempos clássicos” p. 64
- <sup>14</sup> ÁLVAREZ GÓMEZ, Jesús: Historia da vida religiosa, o. c., p. 358-359
- <sup>15</sup> EYMARD D’ANGERS (J.), O humanismo cristão no século XVII, La Haye, M. Nijhoff, 1970. H. Brémond História literária do sentimento religioso – III conquista mística: a escola francesa. Paris 1921.
- <sup>16</sup> Jean Calvet Luísa de Marillac Aubier 1958 p. 157 – 217
- <sup>17</sup> Ibidem p. 9
- <sup>18</sup> MARTINEZ BETANZOS, Benito: La Señorita Le Gras e Santa Luisa de Marillac. Ed CEME. Salamanca 1991, p. 21
- <sup>19</sup> Coste I p. 86
- <sup>20</sup> MARTINEZ BETANZOS, Benito: La Señorita Le Gras... opusculé cité p. 22
- <sup>21</sup> Escritos Espirituais Irmã Elisabeth Charpy p. 687
- <sup>22</sup> Escritos Espirituais Irmã Elisabeth Charpy p. 788
- <sup>23</sup> Escritos Espirituais Irmã Elisabeth Charpy p. 809 A 26
- <sup>24</sup> Escritos Espirituais Irmã Elisabeth Charpy p. 941 A 26
- <sup>25</sup> Coste II p.282 Carta ao Padre Codoing de 5 de agosto de 1642
- <sup>26</sup> Cf. Infante Barrera, Irmã M<sup>a</sup> Ángeles: Semana de Estudos Vicentinos de Salamanca. Ano de 2009. Conferencia: Luísa de Marillac, formadora de leigos. Publicações de CEME.
- <sup>27</sup> Escritos Espirituais Irmã Elisabeth Charpy p. 202 L. 179
- <sup>28</sup> Um caminho de santidade: Luísa de Marillac Irmã Elisabeth Charpy, p.105-110
- <sup>29</sup> Joseph RATZINGER: “A Igreja, uma Comunidade sempre a caminho” Bayard 2009
- <sup>30</sup> Escritos Espirituais Irmã Elisabeth Charpy p. 809 A 26
- <sup>31</sup> Escritos Espirituais Irmã Elisabeth Charpy p. 466
- <sup>32</sup> Escritos Espirituais Irmã Elisabeth Charpy p. 941 A 26
- <sup>33</sup> Escritos Espirituais Irmã Elisabeth Charpy p. 781 A 56
- <sup>34</sup> Escritos Espirituais Irmã Elisabeth Charpy p. 112 L. 104bis
- <sup>35</sup> Um caminho de santidade: Luísa de Marillac Irmã Elisabeth Charpy, p.105-110
- <sup>36</sup> Escritos Espirituais Irmã Elisabeth Charpy p. 201 L. 179 – o fato se renova com Padre Berthe: L. 389 p. 408.
- <sup>37</sup> Gênese da Companhia das Filhas da Caridade, p. 25-27
- <sup>38</sup> Maria Dominique Poinset “Da angustia à santidade” p. 287-290
- <sup>39</sup> Escritos Espirituais Irmã Elisabeth Charpy p. 455 L. 419
- <sup>40</sup> Escritos Espirituais Irmã Elisabeth Charpy p. 821 A 100